

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

**Práticas didático-pedagógicas no ensino do empreendedorismo: um estudo
comparativo em duas universidades federais de Minas Gerais**

Guilherme Castanheira Magalhães
Magister Scientiae

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2026**

GUILHERME CASTANHEIRA MAGALHÃES

Práticas didático-pedagógicas no ensino do empreendedorismo: um estudo comparativo em duas universidades federais de Minas Gerais

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Alan Ferreira de Freitas

Coorientador: André Luis da Silva

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

M189p
2026

Magalhães, Guilherme Castanheira, 1971-
Práticas didático-pedagógicas no ensino do
empreendedorismo: um estudo comparativo em duas
universidades federais de Minas Gerais / Guilherme Castanheira
Magalhães. – Viçosa, MG, 2026.
89 f.: il. (algumas color.).

Orientador: Alan Ferreira de Freitas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Administração, 2026.
Referências bibliográficas: f. 82-89.
DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2026.139>

1. Metodologias ativas – Ensino superior.
2. Empreendedorismo – Ensino superior. 3. Práticas pedagógicas
- Ensino superior. I. Freitas, Alan Ferreira de, 1986-.
II. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de
Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração.
III. Título.

CDD 22. ed. 371.3

GUILHERME CASTANHEIRA MAGALHÃES

Práticas didático-pedagógicas no ensino do empreendedorismo: um estudo comparativo em duas universidades federais de Minas Gerais

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 13 de janeiro de 2026.

Assentimento:

Guilherme Castanheira Magalhães
Autor

Alan Ferreira de Freitas
Orientador

Essa dissertação foi assinada digitalmente pelo autor em 10/04/2026 às 17:55:31 e pelo orientador em 11/04/2026 às 07:22:12. As assinaturas têm validade legal, conforme o disposto na Medida Provisória 2.200-2/2001 e na Resolução nº 37/2012 do CONARQ. Para conferir a autenticidade, acesse <https://siadoc.ufv.br/validar-documento>. No campo 'Código de registro', informe o código **7PXW.6Z9Q.L3T8** e clique no botão 'Validar documento'.

Dedico este trabalho à memória eterna e honrada do meu pai, José Arimatéa Magalhães. Seu exemplo de integridade e ensinamentos constituíram o alicerce da minha trajetória. A ele devo a formação moral que me guia e o incentivo que impulsionou cada uma de minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela força e por guiar meus passos em todos os momentos desta jornada, concedendo-me a saúde e a perseverança necessárias para a conclusão desta etapa.

À minha mãe, Maria Ely, por seu amor e dedicação. Às minhas irmãs, Luciana e Liliana, aos meus sobrinhos, por todo o carinho, companheirismo e pelo apoio familiar que sempre me sustentou.

À minha esposa Luciana, por sua paciência e parceria nos momentos de dedicação intensa. À minha amada filha, Luísa, por ser a maior motivação.

No âmbito acadêmico, agradeço imensamente ao meu orientador, o professor Doutor Alan Ferreira de Freitas, por sua orientação técnica e visão empreendedora. Sua experiência foi fundamental e determinante para o desenvolvimento metodológico do trabalho.

Ao meu coorientador, o professor Doutor André Luís Silva, pela sua prontidão e disponibilidade sempre que necessário, e por sua imensa contribuição.

Agradeço a todos os participantes da pesquisa, docentes e gestores da UFV e da UFOP, cuja colaboração e fornecimento de dados foram a matéria-prima essencial para a análise aqui empreendida.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Viçosa, pela oportunidade de realizar a pós-graduação.

Este trabalho foi realizado com o apoio das seguintes agências de pesquisa brasileiras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

RESUMO

MAGALHÃES, Guilherme Castanheira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, janeiro de 2026. **Práticas didático-pedagógicas no ensino do empreendedorismo: um estudo comparativo em duas universidades federais de Minas Gerais.** Orientador: Alan Ferreira de Freitas. Coorientador: André Luis da Silva.

Este estudo analisa as estruturas pedagógicas utilizadas no ensino do empreendedorismo em duas universidades públicas de Minas Gerais — a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) — com o objetivo de comparar suas abordagens e estratégias metodológicas relacionadas à temática. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e documental, complementada por uma etapa descritivo-exploratória obtida por meio de questionários aplicados a docentes das disciplinas de empreendedorismo. Inicialmente, foram identificadas e sistematizadas todas as disciplinas vinculadas ao empreendedorismo ofertadas pelas instituições, analisando-se ementas, cargas horárias, práticas pedagógicas e formas de avaliação. Posteriormente, realizaram-se análises textuais das respostas abertas dos docentes utilizando o software IRaMuTeQ, com aplicação de estatística textual, análise lexical, análise de similitude e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), permitindo a elaboração de categorias temáticas fundamentadas no corpus. Os resultados indicam que a UFV apresenta maior diversidade de disciplinas que aplicam o empreendedorismo em contextos específicos das áreas de formação, além de maior presença de carga horária prática e de extensão, favorecendo metodologias ativas e a aproximação entre estudantes e empreendedores. Na UFOP, observou-se predominância de disciplinas teóricas, com menor ênfase em atividades práticas, sugerindo uma carga horária prática e extensionista maior. As análises das respostas docentes revelaram percepções convergentes sobre a relevância da disciplina para o desenvolvimento de competências empreendedoras, mas também apontaram desafios como falta de infraestrutura, necessidade de formação continuada e dificuldades em engajar alunos em atividades práticas. A análise lexical evidenciou temas como impacto social, inovação, criação de novos negócios e transformação do estudante por meio de experiências ativas. Conclui-se que, embora ambas as instituições reconheçam a importância do ensino do empreendedorismo, suas práticas pedagógicas diferem em termos de profundidade, dinâmicas metodológicas e articulação com o mercado e a sociedade. Os achados do estudo contribuem para a reflexão sobre o aprimoramento das práticas de ensino-aprendizagem em empreendedorismo no contexto do ensino superior público brasileiro.

Palavras-chave: empreendedorismo; educação empreendedora; práticas pedagógicas; ensino superior; análise textual; iramuteq.

ABSTRACT

MAGALHÃES, Guilherme Castanheira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, January, 2026. **Teaching and pedagogical practices in entrepreneurship education: a comparative study in two federal universities in Minas Gerais.** Adviser: Alan Ferreira de Freitas. Co-adviser: André Luis da Silva.

This study examines the pedagogical structures used in teaching entrepreneurship at two federal universities in Minas Gerais — the Federal University of Viçosa (UFV) and the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The objective is to compare their approaches and methodological strategies related to entrepreneurship. The research is qualitative and documentary in nature, complemented by a descriptive-exploratory stage conducted through questionnaires applied to professors responsible for entrepreneurship courses. Initially, all entrepreneurship-related courses offered by the institutions were identified and systematized, analyzing their syllabi, workloads, pedagogical practices, and assessment methods. Subsequently, textual analyses of the open-ended responses were conducted using the IRaMuTeQ software, applying textual statistics, lexical analysis, similarity analysis, and Descending Hierarchical Classification (DHC), which allowed the formation of thematic categories grounded in the corpus. The results indicate that UFV offers a greater variety of entrepreneurship courses integrated into specific fields of study, with a stronger presence of practical and extension activities that foster active learning and the interaction between students and entrepreneurs. At UFOP, most courses are predominantly theoretical, with limited practical components, indicating a greater practical and extension workload. The professors' responses revealed converging perceptions regarding the relevance of entrepreneurship education for the development of entrepreneurial competencies, while also highlighting challenges such as lack of infrastructure, the need for ongoing faculty training, and difficulty engaging students in practical activities. Lexical analysis evidenced themes such as social impact, innovation, business creation, and student transformation through experiential learning. The study concludes that although both institutions acknowledge the importance of entrepreneurship education, their pedagogical practices differ substantially in methodological depth, practical emphasis, and connection to the market and society. The findings contribute to reflections on improving teaching and learning practices in entrepreneurship within Brazilian public higher education.

Keywords: entrepreneurship; entrepreneurial education; pedagogical practices; higher education; textual analysis; iramuteq

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pilares dos objetivos do ensino de empreendedorismo.....	28
Figura 2 – Desenho e etapas da pesquisa	37
Figura 3 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD)	64
Figura 4 – Dendrograma da CHD	65
Figura 5 – Análise de similitude entre os elementos da UFV	70
Figura 6 – Análise de similitude entre os elementos da UFOP	71
Figura 7 – Análise de similitude entre os elementos das IES.....	73
Figura 8 – Teste de qui-quadrado	74
Figura 9 – Nuvem de palavras (QD6)	76
Figura 10 – Nuvem de palavras (QD7)	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequências das categorias léxicas por tema.....	60
Gráfico 2 – Categorias léxicas com conexões entre termos e instituições	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Revisão de literatura	32
Quadro 2 – Características metodológicas	37
Quadro 3 – Universidades federais e cursos disponíveis	39
Quadro 4 – Etapas da análise de conteúdo	41
Quadro 5 – Disciplinas de empreendedorismo identificadas	45
Quadro 6 – Carga horária das disciplinas de empreendedorismo	46
Quadro 7 – Análise comparativa das disciplinas ofertadas	48
Quadro 8 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo com abordagem nos fundamentos teóricos	49
Quadro 9 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo em áreas do conhecimento	52
Quadro 10 – Análise comparativa das ementas.....	54
Quadro 11 – Identificação das disciplinas e professores	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Revisão de literatura	30
Tabela 2 – Relação entre titulação docente e tempo de atuação na disciplina de empreendedorismo.....	56
Tabela 3 – Relação entre as respostas dos docentes	57
Tabela 4 – Formas de avaliação	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OBJETIVOS	19
2.1	OBJETIVO GERAL	19
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3	REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1	EMPREENDEDORISMO: ABORDAGENS CONCEITUAIS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS	20
3.2	EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	23
3.3	ENSINO DO EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: FUNDAMENTOS, OBJETIVOS E COMPETÊNCIAS	26
3.4	PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: MÉTODOS, PRÁTICAS E LACUNAS	29
4	METODOLOGIA.....	36
4.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA	36
4.2	DESENHO DA PESQUISA.....	37
4.3	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DAS INSTITUIÇÕES	38
4.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	40
4.5	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE TEXTUAL	41
4.5.1	Preparação do corpus textual	42
4.5.2	Estruturação dos segmentos de texto e agrupamento por IES	42
4.5.3	Procedimentos de análise lexical no IRaMuTeQ.....	42
4.5.4	Construção das nuvens de palavras	43
5	ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
5.1	IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DO PERFIL DAS DISCIPLINAS.....	44
5.2	ANÁLISE DAS EMENTAS E DAS PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS	49
5.3	ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES	55
5.3.1	Análise das questões objetivas.....	56
5.3.2	Análise das questões discursivas	59
5.3.2.1	Tema I – Identificação da universidade e perfil do professor	59
5.3.2.2	Tema II – Importância do empreendedorismo.....	63
5.3.2.2.1	Classe 1 – Empreendedorismo como agente de impacto e transformação	66
5.3.2.2.2	Classe 3 – Estímulo à inovação e criação de novos projetos.....	66
5.3.2.2.3	Classe 4 – Desenvolvimento de competências e geração de oportunidades	67

5.3.2.2.4	Classe 5 – Formação de um profissional crítico	67
5.3.2.2.5	Classe 6 – Valorização e reconhecimento da importância do ensino de empreendedorismo.....	68
5.3.2.2.6	Classe 7 – Abordagem prática e dinâmica do empreendedorismo	68
5.3.2.2.7	Classe 2 – Fundamentos teóricos e ensino voltado para a realidade social.....	69
5.3.2.3	Tema III – Recursos e metodologias utilizadas no ensino superior	72
6	CONCLUSÃO.....	80
	REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

O ensino de empreendedorismo teve origem na Escola de Administração de Harvard, nos Estados Unidos, em fevereiro de 1947, com o objetivo de qualificar ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial para o mercado de trabalho e para a geração do autoemprego. Nas décadas seguintes, sua disseminação ocorreu de forma lenta, e somente na década de 1970 houve maior inserção dessa temática nas grades curriculares das universidades e escolas de negócios norte-americanas (Henrique; Cunha, 2008).

No Brasil, o ensino de empreendedorismo iniciou-se em 1981, na Fundação Getúlio Vargas (FGV), com a implantação de uma disciplina dedicada à criação de negócios em um curso de especialização. Em 1984, essa iniciativa se estendeu à graduação (Fernandes, 2013). O objetivo era estimular o empreendedorismo como alternativa à carreira executiva, uma vez que o mercado indicava redução no número de empregos oferecidos pelas grandes empresas. Desde então, o ensino de empreendedorismo passou a contribuir para a formação de indivíduos com ideias inovadoras (Fernandes, 2013). Em Minas Gerais, o ensino de empreendedorismo teve início em 1993, no curso de Ciência da Computação da Universidade Federal de Minas Gerais, por meio do programa Softex do CNPq (Henrique; Cunha, 2008).

Considerado um fenômeno global, o empreendedorismo tem sido amplamente discutido por meio de estudos e pesquisas que buscam compreender aspectos como o perfil empreendedor e os mecanismos que viabilizam o surgimento de oportunidades para a criação de novos negócios (Silva; Silva, 2019). Nas últimas décadas, essa temática ganhou relevância no contexto educacional. Até a década de 1990, o empreendedorismo era pouco presente nos currículos de escolas e universidades brasileiras (Comassetto, 2019). A partir desse período, impulsionado pelas altas taxas de desemprego entre jovens, o ensino de empreendedorismo ganhou visibilidade, reforçando a importância do desenvolvimento de habilidades empreendedoras como estratégia de melhoria da situação econômica nacional (Mancebo; Silva; Mariano, 2017). Nesse sentido, “a universidade tem de viabilizar novos meios de ensino que incitem maior criatividade e busca do novo, sem deixar de lado o atual, que em muitas circunstâncias ainda é o mais pedagógico” (Henrique; Cunha, 2008, p. 5).

O empreendedorismo, antes compreendido como subárea da Administração, passou recentemente a consolidar-se como campo próprio de conhecimento (Henrique; Cunha, 2008). A depender do objetivo pedagógico, o ensino de empreendedorismo pode assumir diferentes abordagens entre as instituições. Independentemente da perspectiva adotada, é necessário que

esse ensino contribua para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras capazes de gerar empresas competitivas e promover o crescimento econômico nacional (Dornelas, 2001, p. 39).

As ações práticas promovidas pelas universidades podem fortalecer o desenvolvimento do empreendedorismo no Brasil. Os projetos pedagógicos das instituições de ensino superior (IES) são estruturados de modo a fomentar o ensino do empreendedorismo em sala de aula, estimulando a cultura empreendedora (Gralik *et al.*, 2000). O desenvolvimento de ferramentas, metodologias e práticas são necessárias para promover o fortalecimento de atitudes empreendedoras, incentivando inclusive empresários a aperfeiçoarem a gestão de seus negócios (Almeida; Lima; Botelho, 2020). No Brasil, utilizam-se práticas similares às adotadas na Europa, como estudos de caso, simulações, seminários, jogos e apresentações (Vieira *et al.*, 2013).

A educação empreendedora vai além da transmissão de conhecimento, promovendo o desenvolvimento de competências demandadas pelo mercado, como raciocínio lógico, capacidade de análise e resolução de problemas, autonomia, criatividade, adaptação, resiliência e formulação de soluções inovadoras. Assim, ao promover a formação empreendedora dos estudantes, as instituições contribuem para o desenvolvimento social (Almeida; Lima; Botelho, 2020). Órgãos internacionais, como a European Commission, também reforçam a importância de uma educação empreendedora baseada na experiência e na prática profissional, estruturada em três pilares: estimular o espírito empreendedor, formar estudantes para gerir o próprio negócio e desenvolver habilidades para identificar oportunidades (Almeida; Cordeiro; Silva, 2018).

Para Cualheta *et al.* (2020), compreender apenas conceitos e processos mentais de empreendedores é insuficiente para o ensino do empreendedorismo. Os autores sugerem uma abordagem dinâmica e orientada à ação, com métodos que proporcionem experiências práticas e desenvolvimento de habilidades empreendedoras. Práticas metodológicas devem incentivar questionamentos, investigações e aprofundamento de conhecimentos, indo além da mera assimilação teórica (Schaefer; Minello, 2016). Assim, é importante a inserção de abordagens que envolvam criatividade, liderança, identificação de oportunidades, networking e disposição para assumir riscos (Henrique; Cunha, 2008).

O ensino de empreendedorismo deve ir além do desenvolvimento de competências individuais, focando na promoção das oportunidades identificadas no mercado e estimulando os discentes a criarem modelos de negócios que gerem valor para o ecossistema regional (Ruwer; Ramos, 2024). Ao adotar métodos de ensino alternativos, as universidades conseguem preparar os discentes para mercados competitivos, incentivando uma atuação empreendedora direcionada ao desenvolvimento econômico regional (Dias *et al.*, 2023).

A adoção de uma abordagem não linear permite que o ensino de empreendedorismo transcenda a apresentação tradicional de conteúdos, estimulando a participação ativa do discente por meio de problemas reais (Jabes; Menegidio, 2024). Dessa forma, a aplicação prática de conceitos de modelagem de negócios, como o uso da ferramenta *Business Model Canvas*, auxilia na transformação de ideias acadêmicas em oportunidades de mercado. Além disso, as rodas de conversas permitem que grupos heterogêneos de estudantes compartilhem vivências e desenvolvam uma postura investigativa, considerada essencial para a identificação de oportunidades inovadoras. Assim, é necessário a inserção da cultura da inovação nas matrizes curriculares, preparando os discentes para atuação em setores produtivos e na criação de novos negócios (Jabes; Menegidio, 2024).

As IES devem ir além das suas funções pedagógicas tradicionais, fomentando mentalidades inovadoras que superem a visão de formação meramente técnica (Hahn *et al.*, 2024). As IES deixaram de ser apenas centros de ensino para se tornarem promotoras do desenvolvimento regional, por meio da inovação e transferência de conhecimento. Para isso, é necessário que o empreendedorismo seja integrado de forma transversal às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, essa transição exige que as IES não apenas produzam ciência, mas que facilitem a transferência efetiva de conhecimento para os setores produtivos. Para tanto, é necessário que as IES estruturem mecanismos de suporte, como incubadoras de empresas e escritórios de transferência tecnológica, para proporcionar que a pesquisa científica promova a inovação tecnológica, aumentando o impacto da universidade no desenvolvimento regional (Hahn *et al.*, 2024).

O empreendedorismo tem recebido crescente atenção nas universidades brasileiras, sendo incorporado às grades curriculares de cursos de graduação para promover uma cultura empreendedora entre estudantes (Bürger, 2018). As universidades federais integram a estrutura criada pelo poder público para formar profissionais qualificados que atendam às demandas de empresas nascentes (Arbix; Consoni, 2011). Segundo dados do Ministério da Educação (MEC), o Brasil possui 69 universidades federais, e Minas Gerais é o estado com o maior número dessas instituições: 11 universidades, distribuídas em 31 campi que ofertam 522 cursos de graduação, entre bacharelados, licenciaturas, tecnológicos e modalidades presencial e a distância (EAD).

Nesse cenário, que reforça a relevância do empreendedorismo na formação discente, torna-se fundamental investigar as estruturas pedagógicas utilizadas no ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação das universidades federais. O Ranking de Universidades Empreendedoras (RUE) de 2023, realizado pela Confederação Brasileira de Empresas Juniores (Brasil Júnior), envolvendo 108 IES, evidencia que Minas Gerais possui três

universidades federais entre as 10 primeiras colocadas. A Universidade Federal de Viçosa (UFV) destaca-se como a primeira entre as instituições federais, e a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) figura nas últimas posições (74ª posição).

Para a Brasil Júnior, universidades empreendedoras são aquelas que incentivam o empreendedorismo dentro e fora da sala de aula, avaliadas a partir de seis eixos: cultura empreendedora, extensão, inovação, infraestrutura, internacionalização e capital financeiro. Essas instituições articulam ensino, pesquisa e empreendedorismo (Etzkowitz; Mello, 2004), impactando estudantes de diversas áreas, e não apenas aqueles vinculados às escolas de negócios (Fernández-Nogueira *et al.*, 2018).

Este estudo tem como campo de investigação duas universidades federais mineiras, justificadas por três motivos: (1) a representatividade de Minas Gerais no cenário educacional nacional; (2) a acessibilidade aos dados e aos sujeitos da pesquisa; e (3) a conveniência decorrente da proximidade geográfica do pesquisador e da sua inserção prévia no contexto institucional.

Diante disso, emergem duas questões orientadoras desta dissertação: Como está institucionalizado o ensino do empreendedorismo na graduação dessas instituições? e Quais as diferenças nas estruturas pedagógicas utilizadas para o ensino do empreendedorismo? Assim, esta pesquisa busca compreender as metodologias educacionais relacionadas ao ensino do empreendedorismo nas instituições analisadas, contribuindo para aprimorar processos de ensino e aprendizagem nessa área.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a estrutura pedagógica utilizada no ensino do empreendedorismo na graduação da UFV e da UFOP, comparando suas abordagens e estratégias metodológicas relacionadas à temática, no período de 2015 a 2024.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a trajetória do ensino do empreendedorismo nas instituições, identificando as disciplinas relacionadas à temática e sua inserção nas grades curriculares;
- Comparar as estruturas pedagógicas utilizadas no ensino do empreendedorismo nos cursos de graduação;
- Avaliar a percepção dos docentes sobre a importância do ensino do empreendedorismo nas instituições investigadas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 EMPREENDEDORISMO: ABORDAGENS CONCEITUAIS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O empreendedorismo consolidou-se como um campo de estudo caracterizado pela diversidade conceitual e pela multiplicidade de abordagens teóricas, não havendo uma definição única ou consensual sobre o fenômeno (Gartner, 1994; Dolabela, 1999). Para Gartner (1994), o empreendedorismo não deve ser reduzido a um conjunto fixo de características ou a uma definição estanque, devendo ser compreendido como um fenômeno multifacetado, que envolve a interação entre indivíduos, processos, organizações e contextos. Essa compreensão contribuiu para ampliar o escopo dos estudos sobre empreendedorismo, afastando-o de abordagens restritas a traços de personalidade ou à simples criação de empresas.

Dolabela (1999) define empreendedorismo como um conjunto de estudos relativos ao empreendedor, ao seu perfil, às suas origens e ao seu sistema de atividades, considerando o universo de atuação no qual se insere. Para o autor, o empreendedor é aquele que se dedica à geração de riquezas por meio da transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, bem como pela inovação em áreas como marketing, produção e organização, por exemplo. Essa definição associa o empreendedorismo à criação de valor baseada no conhecimento e na inovação (Dolabela, 1999).

A literatura sobre empreendedorismo evidencia que o conceito é apropriado por diferentes campos do conhecimento e analisado a partir de múltiplas perspectivas teóricas (Vale, 2014; Borges; Lima; Brito, 2017). Conforme Vale (2014), o empreendedorismo constitui um fenômeno complexo, cuja análise demanda a articulação de diferentes perspectivas teóricas. Nessa mesma direção, Borges, Lima e Brito (2017) ressaltam o caráter multidisciplinar do campo, marcado pela coexistência de distintas correntes analíticas e pela ausência de consenso quanto às suas delimitações conceituais.

Uma das concepções clássicas associa o empreendedorismo à geração de inovação e ao desenvolvimento econômico. Nessa perspectiva, Schumpeter (1997) atribui ao empreendedor o papel de agente transformador, responsável por introduzir novas ideias, produtos, processos e modelos de negócios capazes de modificar estruturas de mercado. Essa atuação inovadora, denominada pelo autor como processo de “destruição criativa”, é compreendida como elemento central do desenvolvimento econômico. Drucker (1985) complementa essa visão ao compreender o empreendedorismo como a prática sistemática da inovação, destacando que o

empreendedor explora mudanças como oportunidades para criar produtos, serviços ou modelos organizacionais. Estudos posteriores reforçam essa perspectiva ao reconhecer a inovação como elemento central para o surgimento de novos empreendimentos e para a promoção do desenvolvimento sustentável (Dolabela, 2006; Simantob; Andreassi; Stal, 2007; Hall *et al.*, 2012; Blank; Dorff, 2014).

Outra abordagem teórica, compreende o empreendedorismo como o processo de identificação de oportunidades. Shane e Venkataraman (2000) definem o empreendedorismo como a relação entre a existência de oportunidades lucrativas e a presença de indivíduos dispostos a identificá-las e explorá-las. Nessa mesma linha, Dornelas (2001) associa o empreendedor à capacidade de reconhecer oportunidades de mercado e transformá-las em negócios viáveis, enquanto Chiavenato (2012) enfatiza a ação empreendedora como elemento central para a criação de empresas e para a dinamização da economia. Complementarmente, essa abordagem pode ser analisada à luz do debate sobre ecossistemas de inovação e empreendedorismo, no qual a ação empreendedora é influenciada pela articulação entre atores, instituições e recursos em determinado contexto (Saes; Marcovitch, 2020).

Sarasvathy (2001) contribui para essa abordagem ao propor a teoria da *effectuation*, segundo a qual a ação empreendedora ocorre em contextos de elevada incerteza, nos quais o futuro não pode ser plenamente previsto. Diferentemente da lógica causal tradicional, baseada em objetivos previamente definidos e no planejamento orientado à previsão, a *effectuation* parte dos meios disponíveis ao empreendedor — quem ele é, o que sabe e quem conhece — para construir oportunidades ao longo do processo. Nessa perspectiva, o empreendedorismo é compreendido como um fenômeno dinâmico e contingente, no qual as decisões são tomadas com base no controle dos recursos disponíveis e na adaptação contínua às circunstâncias, reforçando o caráter processual da ação empreendedora (Sarasvathy, 2001).

A perspectiva da *effectuation* contribui para deslocar o foco do planejamento racional e preditivo para a lógica da experimentação e da construção progressiva de oportunidades, aspecto que dialoga diretamente com abordagens educacionais baseadas em metodologias ativas. Ao reconhecer que o empreendedor atua a partir dos recursos disponíveis e constrói o futuro por meio da interação com outros atores, essa concepção reforça o entendimento do empreendedorismo como processo formativo, no qual aprendizagem, adaptação e ação estão intrinsicamente articuladas (Sarasvathy, 2001; Gartner, 2001). Tal compreensão amplia a análise do fenômeno ao integrá-lo às dimensões pedagógicas e institucionais, especialmente no contexto do ensino superior. As discussões sobre oportunidades e ação empreendedora dialogam com as contribuições de Gartner (1988; 2001), que questiona abordagens centradas

exclusivamente em traços de personalidade. Para o autor, o empreendedorismo deve ser compreendido a partir do que os empreendedores fazem, e não apenas de quem eles são. Gartner (1988) defende que o fenômeno empreendedor se manifesta por meio de ações e processos que conduzem à criação de organizações, reforçando a necessidade de analisar o empreendedorismo como um processo dinâmico, contextualizado e orientado à ação.

Para além das abordagens de cunho econômico e mercadológico, uma perspectiva contemporânea amplia o entendimento do empreendedorismo ao concebê-lo como um processo de desenvolvimento pessoal e social. Dolabela (2006) argumenta que o empreendedorismo envolve uma forma de pensar e agir orientada à autonomia, à criatividade e à aprendizagem contínua. De modo convergente, Dolabela e Fillion (2013) e Fillion (1999) destacam que o empreendedor desenvolve uma visão de futuro e mobiliza recursos de forma estratégica, articulando conhecimentos, experiências e relações sociais. Nessa mesma direção, Baggio e Baggio (2014) e Carvalho e Gouvêa (2019) reforçam que o ato de empreender implica o desenvolvimento de competências, a capacidade de assumir riscos calculados e a atuação criativa na resolução de problemas, extrapolando a lógica estritamente empresarial.

Essa compreensão ampliada do empreendedorismo é reforçada por estudos que evidenciam a influência do contexto institucional e ambiental sobre a dinâmica empreendedora. Ao discutir ecossistemas de inovação e empreendedorismo, Saes e Marcovitch (2020) destacam que a dinâmica empreendedora depende da interação entre múltiplos atores institucionais, como universidades, empresas e organizações de apoio, reforçando a importância do ambiente para a consolidação de práticas empreendedoras. Nesse sentido, o conceito de ecossistema empreendedor permite compreender que o desempenho da ação empreendedora não depende exclusivamente de atributos individuais, mas da qualidade das interações estabelecidas entre universidade, empresas, governo e sociedade civil. A articulação entre esses atores contribui para a criação de ambientes propícios à inovação, à transferência de conhecimento e ao surgimento de novos empreendimentos, evidenciando que o empreendedorismo é um fenômeno relacional e institucionalmente condicionado (Saes; Marcovitch, 2020).

A compreensão da inovação como processo interativo reforça a superação do modelo linear, centrado exclusivamente na transferência unidirecional de conhecimento, para uma perspectiva sistêmica, na qual empresas, universidades e governo estabelecem relações dinâmicas e recíprocas. Conforme discutido por Oliveira e Calderan (2023), os processos inovativos decorrem de múltiplas interações institucionais, sendo sustentados por redes de cooperação que articulam produção de conhecimento, desenvolvimento tecnológico e aplicação prática. Nessa perspectiva, a inovação deixa de ser entendida como resultado isolado da

atividade empresarial e passa a ser concebida como fenômeno relacional, dependente do ambiente institucional e da qualidade das conexões estabelecidas entre os diferentes atores do sistema de inovação (Oliveira; Calderan, 2023).

De forma convergente, Borges, Lima e Brito (2017) ressaltam que o fenômeno empreendedor não pode ser explicado apenas por características individuais, sendo necessário considerar fatores contextuais, sociais e organizacionais. Evidências empíricas recentes no contexto do ensino superior público brasileiro indicam que ambientes institucionais estruturados como ecossistemas empreendedores contribuem para o desenvolvimento de atitudes e competências empreendedoras, reforçando o caráter multidimensional do empreendedorismo (Rodrigues *et al.*, 2025).

Dessa forma, as diferentes abordagens teóricas analisadas indicam que o empreendedorismo deve ser compreendido como um campo plural, no qual se articulam inovação, identificação de oportunidades, ação empreendedora e condicionantes institucionais (Schumpeter, 1997; Drucker, 1985; Dolabela, 1999; Gartner, 2001; Saes; Marcovitch, 2020; Vale, 2014). Para os fins deste estudo, adota-se uma concepção ampliada de empreendedorismo, que reconhece sua relevância para a criação de novos negócios e para a inovação, mas enfatiza, sobretudo, seu papel como processo formativo, orientado ao desenvolvimento de competências e à aprendizagem, especialmente no contexto do ensino superior público.

3.2 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL E SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

As primeiras iniciativas voltadas à inserção do empreendedorismo na educação brasileira surgiram no início da década de 1980, desenvolvidas tanto por instituições de ensino superior públicas quanto privadas, com o objetivo de estimular a criação de novos empreendimentos e fomentar o desenvolvimento econômico (Oliveira et al., 2010; Fernandes, 2013). Essas experiências pioneiras ocorreram em um contexto de transformações estruturais da economia brasileira, marcado pela instabilidade das grandes corporações e pelo aumento dos índices de desemprego, o que impulsionou a busca por alternativas baseadas no fortalecimento das pequenas e médias empresas (Dornelas, 2001).

Ao longo da década de 1990, o empreendedorismo passou a ganhar maior visibilidade no país, consolidando-se gradualmente como tema relevante no âmbito educacional, especialmente no ensino superior. Esse movimento foi impulsionado pela necessidade de

formar profissionais capazes de atuar em um mercado de trabalho cada vez mais dinâmico e competitivo, no qual a capacidade de inovar, identificar oportunidades e assumir posturas proativas tornou-se fundamental (Oliveira et al., 2010; Dias et al., 2023). Nesse período, o ensino do empreendedorismo expandiu-se para além dos cursos de Administração, passando a dialogar com diferentes áreas do conhecimento, o que contribuiu para seu processo de institucionalização nas instituições de ensino superior.

Esse processo de expansão temática e curricular não ocorreu de maneira homogênea entre as instituições, sendo marcado por distintas estratégias de inserção do empreendedorismo nos projetos pedagógicos. Enquanto algumas universidades priorizaram disciplinas específicas e práticas aplicadas, outras optaram por abordagens mais conceituais e transversais, evidenciando que a institucionalização do empreendedorismo no ensino superior brasileiro assume configurações diversas, condicionadas por fatores acadêmicos, organizacionais e culturais (Oliveira et al., 2010; Saes; Marcovitch, 2020).

As transformações decorrentes do avanço tecnológico, da globalização e da intensificação da circulação de informações alteraram de forma significativa as relações sociais, organizacionais e produtivas (Soares *et al.*, 2021). Nesse cenário, a educação básica e superior passou a ser progressivamente reestruturada para atender às novas exigências no mundo do trabalho, com ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades comportamentais, cognitivas e emocionais, tais como criatividade, autonomia, capacidade de adaptação e resolução de problemas complexos (Soares *et al.*, 2021). A educação empreendedora passou, assim, a ser compreendida como estratégia relevante para a formação integral dos estudantes no ensino superior.

No cenário educacional brasileiro, a incorporação do empreendedorismo nos documentos normativos recentes evidencia sua vinculação à formação integral do estudante. Monteiro Moraes, Cezário e Kampff (2024) destacam que, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o empreendedorismo é compreendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa e à empregabilidade, sendo associado ao protagonismo juvenil, à capacidade de tomada de decisão, à criatividade e à construção do projeto de vida. Tal abordagem amplia o conceito restrito de empreendedorismo empresarial e o insere como dimensão formativa transversal, articulada ao desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais (Monteiro Moraes; Cezário; Kampff, 2024).

Do ponto de vista normativo, a institucionalização do empreendedorismo no sistema educacional brasileiro encontra respaldo na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/1996 (Brasil, 1996), promulgada no final da década de 90, que estabelece os

princípios e diretrizes gerais da educação no país. Considerada a principal norma educacional do país, a LDB, composta por 92 artigos, abrange desde a educação infantil até o ensino superior e estabelece diretrizes para a definição de seus projetos pedagógicos, currículos e estratégias formativas, criando condições para a incorporação de abordagens inovadoras, como a educação empreendedora, de forma transversal e interdisciplinar (Silva; Lopes, 2020). Ainda que a legislação não trate explicitamente do empreendedorismo em sua formulação original, seus princípios favorecem a flexibilização curricular e a adoção de práticas formativas orientadas ao desenvolvimento de competências.

Esse movimento de fortalecimento institucional foi aprofundado nas décadas seguintes, especialmente no contexto das políticas públicas de inovação e desenvolvimento científico e tecnológico. Estudos recentes indicam que as universidades brasileiras passaram a desempenhar papel estratégico nos sistemas de inovação, ampliando suas funções tradicionais de ensino e pesquisa para incluir atividades de extensão, inovação e interação com o setor produtivo e com a sociedade (Alves, 2024). Nesse sentido, a institucionalização do empreendedorismo no ensino superior ocorre de forma articulada às políticas de inovação, à atuação das Instituições Científicas, Tecnológicas e de Inovação (ICTs) e à consolidação dos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs), que reforçam o papel das universidades como agentes do desenvolvimento econômico e social.

No contexto dos sistemas de inovação, a universidade passa a assumir papel estratégico não apenas na formação de capital humano, mas também na geração e difusão de conhecimento aplicado. Oliveira e Calderan (2023) ressaltam que as interações entre universidade, empresa e governo constituem a base dos sistemas de inovação em diferentes níveis – regional, nacional ou internacional – assegurando o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico por meio da cooperação e da transferência de tecnologia. Tal configuração aproxima-se do modelo da Hélice Tripla, no qual as esferas institucionais deixam de atuar de maneira isolada e passam a compartilhar responsabilidades no processo inovativo (Oliveira; Calderan, 2023).

A discussão sobre a institucionalização do empreendedorismo no ensino superior brasileiro também se aproxima do conceito de universidade empreendedora, amplamente difundido na literatura internacional. Esse conceito enfatiza a ampliação da missão universitária para além do ensino e da pesquisa, incorporando a chamada “terceira missão”, relacionada à inovação, à transferência de conhecimento e à interação com diferentes atores sociais (Etzkowitz, 2003; Etzkowitz; Leydesdorff, 2000). No contexto brasileiro, estudos apontam que esse processo ocorre de forma gradual e enfrenta desafios institucionais, normativos e culturais,

especialmente nas universidades públicas, que conciliam demandas por inovação com compromissos sociais e educacionais mais amplos (Saes; Marcovitch, 2020; Alves, 2024).

Em 2021, esse processo de institucionalização ganhou novo impulso com a aprovação do Projeto de Lei nº 2.944/2021, que alterou a LDB ao incluir os temas “empreendedorismo” e “inovação” como conteúdos a serem trabalhados de forma transversal nos currículos da educação básica e superior (Agência Senado, 2021). Ao justificar o projeto, sua autora destacou que o empreendedorismo não se limita à criação de negócios, mas envolve diferentes perfis profissionais: o servidor público, o trabalhador rural, o trabalhador urbano, o autônomo e o jovem podem exercer práticas empreendedoras aplicáveis a distintos contextos de atuação. A inclusão desses temas reforça a compreensão do empreendedorismo como competência transversal, associada ao desenvolvimento de liderança, atitude, criatividade e capacidade de resolução de problemas, alinhando-se às demandas contemporâneas da formação no ensino superior (Dias et al., 2023).

Dessa forma, a institucionalização do empreendedorismo no ensino superior brasileiro pode ser compreendida como um processo progressivo, que articula iniciativas educacionais, transformações socioeconômicas, marcos legais e políticas públicas de inovação. Ao integrar o empreendedorismo aos currículos, às práticas pedagógicas e às estratégias institucionais, as universidades passam a assumir papel central na formação de profissionais capazes de atuar de forma criativa, crítica e propositiva em contextos complexos, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país (Oliveira et al., 2010; Saes; Marcovitch, 2020; Alves, 2024)

3.3 ENSINO DO EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA: FUNDAMENTOS, OBJETIVOS E COMPETÊNCIAS

A inserção do empreendedorismo no contexto educacional tem suscitado debates conceituais importantes, especialmente no que se refere à distinção entre “ensino de empreendedorismo” e “educação empreendedora”. O Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (CER, 2023), iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), destaca que esses conceitos representam abordagens complementares, porém distintas. Enquanto o ensino de empreendedorismo concentra-se na transmissão de conhecimentos teóricos e práticos relacionados ao ato de empreender – como criação de negócios, gestão, inovação e identificação de oportunidades –, a educação empreendedora adota uma perspectiva mais ampla e holística, voltada ao desenvolvimento de

habilidades, atitudes e valores empreendedores ao longo do processo formativo (CER, 2023). Nessa direção a educação empreendedora não se limita a conteúdos específicos, mas busca promover autonomia, criatividade, iniciativa e capacidade de ação, dialogando e complementando o ensino de empreendedorismo (Bürger, 2018).

No contexto do ensino superior brasileiro, o ensino do empreendedorismo e a educação empreendedora têm sido amplamente investigados no contexto brasileiro, evidenciando a consolidação do tema como campo relevante de pesquisa e prática pedagógica. Diversos estudos analisaram cursos de graduação e identificaram práticas pedagógicas capazes de contribuir para o desenvolvimento do perfil empreendedor dos estudantes (Rocha; Freitas, 2014; Machado; Lenzi; Manthey, 2017; Guilhermat *et al.*, 2018; Amaral *et al.*, 2021; Colichi *et al.*, 2023). Essas pesquisas indicam que o empreendedorismo, quando integrado de forma consistente aos currículos, pode favorecer o desenvolvimento de competências empreendedoras e ampliar as possibilidades de atuação profissional dos discentes.

Parte da literatura tem se dedicado a avaliar a eficácia das abordagens pedagógicas adotadas no ensino do empreendedorismo. Estudos realizados por Salusse e Andreassi (2016) e Ferreira e Pinheiro (2018) analisaram a eficácia de teorias aplicadas ao ensino de empreendedorismo e seus impactos na intenção empreendedora discente. De forma complementar, pesquisas conduzidas por Vieira e Rocha (2015), Comassetto (2019), Cualheta *et al.* (2020), Quintana e Kitzmann (2021) e Zanchet e Silva (2021), destacam que a educação empreendedora contribui para fortalecimento da cultura empreendedora e para a formação de profissionais mais preparados para lidar com contextos complexos e dinâmicos.

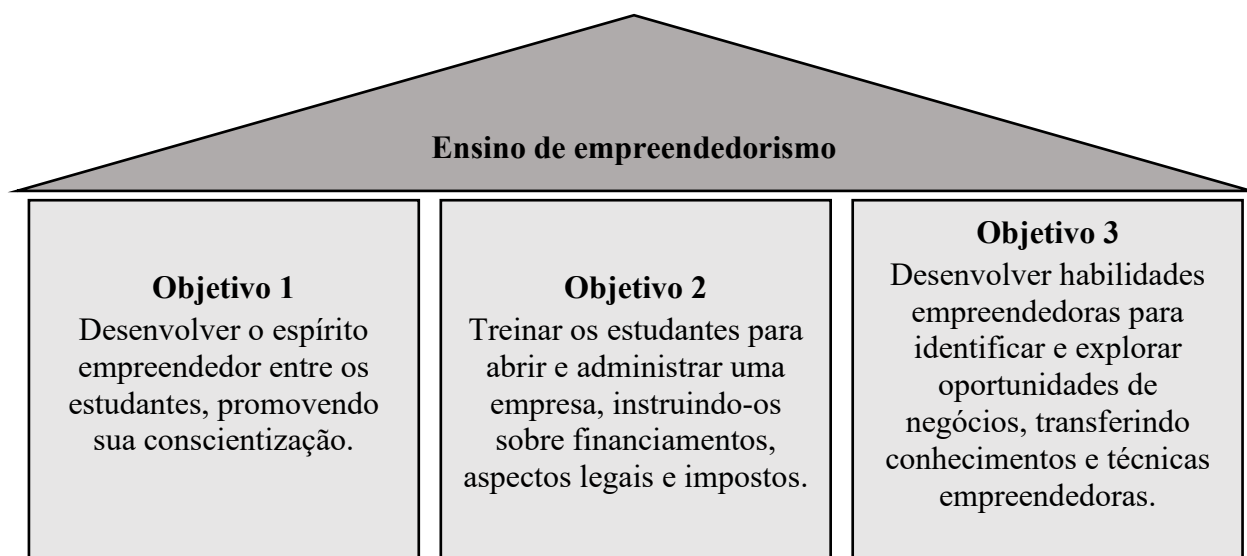
Outros estudos ampliam essa análise ao evidenciar os impactos da educação empreendedora na formação de profissionais diferenciados, mesmo quando estes não optam pela criação de novos negócios. Fiala e Andreassi (2013), Colichi e Lima (2018) e Zanchet e Silva (2021) apontam que a educação empreendedora favorece o desenvolvimento de competências transversais, como criatividade, proatividade, capacidade de resolução de problemas e trabalho em equipe. Além disso, pesquisas de Bendor, Lenzi e Sousa (2020) e Colichi *et al.* (2023) analisaram o perfil e a intenção empreendedora de estudantes universitários, evidenciando relações entre práticas pedagógicas adotadas, comportamentos empreendedores e predisposição à ação empreendedora.

O crescimento do ensino de empreendedorismo no ensino superior também se reflete em sua expansão para diferentes áreas do conhecimento, ultrapassando os limites tradicionais dos cursos de Administração e áreas afins. Entretanto, persistem variações metodológicas significativas entre instituições e cursos, o que impacta diretamente os resultados formativos

alcançados (Krakauer; Krakauer; Coda, 2020). Nesse contexto, novas abordagens e práticas pedagógicas são essenciais para promover uma educação empreendedora capaz de tornar os indivíduos mais conscientes de suas realidades e de suas capacidades de transformá-las, conforme apontam Schaefer e Minello (2016).

No âmbito da formação empreendedora, Rocha e Freitas (2014) destacam que o comportamento do estudante deve alinhá-lo às competências do indivíduo empreendedor, compreendidas como conhecimentos, habilidades e atitudes. Com base nos objetivos propostos pela *European Commission Enterprise and Industry Directorate-General* – DG-ENTR (2008, citado por Rocha; Freitas, 2014), os autores sistematizam três pilares fundamentais que sustentam os objetivos do ensino do empreendedorismo representada na Figura 1: (1) o desenvolvimento de atitudes empreendedoras, (2) a aquisição de conhecimentos relacionados ao empreendedorismo e (3) o estímulo às habilidades necessárias à ação empreendedora.. Para que esses objetivos sejam alcançados, torna-se indispensável que os planos de ensino estejam orientados por metodologias capazes de promover experiências de aprendizagem significativas e alinhadas às competências pretendidas.

Figura 1 – Pilares dos objetivos do ensino de empreendedorismo



Fonte: Elaborada por Rocha e Freitas (2014, p. 468), com base na proposta da European Commission Enterprise and Industry Directorate-General.

Dessa forma, o ensino do empreendedorismo e a educação empreendedora no ensino superior configuram-se como processos formativos complexos, que exigem coerência entre fundamentos teóricos, objetivos educacionais, competências a serem desenvolvidas e práticas didático-pedagógicas adotadas. Ao articular conteúdos, metodologias e experiências formativas, as instituições de ensino superior podem contribuir de maneira efetiva para a

formação de sujeitos empreendedores, preparados para atuar de forma crítica, criativa e responsável em diferentes contextos profissionais e sociais (Rocha; Freitas, 2014).

A consolidação da educação empreendedora no ensino superior, contudo, depende da coerência entre objetivos formativos, práticas pedagógicas e condições institucionais. A literatura indica que abordagens exclusivamente conteudistas tendem a limitar o desenvolvimento de competências empreendedoras, ao passo que metodologias que promovem experimentação, resolução de problemas e interação com contextos reais favorecem maior internalização de atitudes e habilidades empreendedoras (Rocha; Freitas, 2014; Schaefer; Minello, 2016). Nesse sentido, a articulação entre fundamentos teóricos e experiências práticas configura-se como elemento central para a efetividade da formação empreendedora.

A perspectiva adotada pela BNCC enfatiza que o empreendedorismo não deve ser tratado apenas como disciplina isolada, mas como eixo estruturante capaz de permear diferentes componentes curriculares e itinerários formativos. Segundo Monteiro Moraes, Cezário e Kampff (2024), a Educação Empreendedora ganha maior efetividade quando desenvolvida de maneira transversal, integrada ao projeto de vida e aos processos formativos que incentivam autonomia, iniciativa e responsabilidade. Tal entendimento reforça a necessidade de articulação entre currículo, práticas pedagógicas e formação docente, evitando abordagens fragmentadas e meramente instrumentais (Monteiro Moraes; Cezário; Kampff, 2024).

3.4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO: MÉTODOS, PRÁTICAS E LACUNAS

A produção científica sobre o ensino do empreendedorismo nas instituições de ensino superior tem se ampliado de forma significativa nas últimas décadas, refletindo o crescente interesse acadêmico pela temática e seu processo de consolidação como campo de investigação. De modo geral, os estudos indicam que a inserção do empreendedorismo nas IES ocorre de forma progressiva, iniciando-se, em muitos casos, por meio de atividades isoladas, geralmente associadas à criação de empresas, ao mercado de trabalho e às tendências setoriais. Com o amadurecimento institucional, observa-se a formalização de disciplinas específicas e, posteriormente, a ampliação de abordagens que incorporam aspectos comportamentais, técnicos, gerenciais e de pesquisa (Arantes; Ferreira; Andrade, 2018). A literatura nacional e internacional evidencia a diversidade de práticas e metodologias de ensino do empreendedorismo. A Tabela 1 sintetiza três revisões de literatura que, em conjunto, analisaram 158 artigos publicados entre 1987 e 2017, no Brasil e nos Estados Unidos, revelando tendências

metodológicas, enfoques teóricos e lacunas recorrentes na produção científica. Essas revisões demonstram que, ao longo do tempo, o ensino do empreendedorismo passou de uma abordagem predominantemente teórica para a incorporação gradual de metodologias práticas e experienciadas.

Tabela 1 – Revisão de literatura

Autores	Nº de paper	Período	País
Arantes, Ferreira e Andrade (2018)	14	1987-2014	EUA e Brasil
Almeida, Cordeiro e Silva (2018)	61	2003-2017	Brasil
Silva e Mariano (2018)	83	2000-2017	Brasil

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

O estudo de Arantes, Ferreira e Andrade (2018) analisa 14 artigos publicados entre 1987 e 2014 e identifica contribuições clássicas que fundamentam o ensino do empreendedorismo. Vesper (1987) enfatiza modelos conceituais que integram teoria à prática, como contato com empreendedores e projetos de criação de empresas. Gibb (1993, 1996) enfatiza a importância de criar ambientes educacionais empreendedores, com foco nas pequenas e médias empresas, responsáveis pela maioria das oportunidades de trabalho. Gornam, Hanlon e King (1997) destacam a necessidade de capacitação docente, pois o ensino de empreendedorismo requer metodologias diferenciadas. Outros estudos reforçam a relevância de conteúdos como plano de negócios, marketing e análise de mercado (Dutra; Peixoto, 2001), bem como a aproximação entre IES e comunidade como propulsora do empreendedorismo (Guimarães, 2002).

Machado (2005), Ferreira, Ramos e Gimenez (2006), Martens e Freitas (2008) e Rocha e Freitas (2014), argumentam que o ensino de empreendedorismo contribui para a transformação de atitudes, o estímulo à criatividade e à inovação e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Henrique e Cunha (2008), Vieira *et al.* (2013) e Ribeiro, Oliveira e Araújo (2014) reforçam a necessidade de projetos práticos que permitem aos estudantes aplicar conhecimentos a situações reais. Silva (2010) e Pereira Junior (2013) complementam ao defender a atualização curricular constante.

Com base nessa literatura, Arantes, Ferreira e Andrade (2018) identificam três objetivos centrais para o ensino do empreendedorismo: (1) formar empreendedores e desenvolver

habilidades específicas; (2) fomentar a criação de novos negócios e o desenvolvimento econômico; e (3) proporcionar aprendizagem prática e desenvolvimento pessoal.

A revisão de literatura conduzida por Almeida, Cordeiro e Silva (2018), envolvendo 61 artigos publicados entre 2003 e 2017, reforça a necessidade de aproximação entre estudantes e empreendedores como estratégia para consolidar uma educação empreendedora de qualidade. Os autores observam que, embora alguns estudos indiquem que a educação empreendedora responde a interesses econômicos, outros evidenciam seu papel na geração de emprego e renda. Entre as práticas mais mencionadas estão plano de negócios, visitas técnicas, criação de produtos, jogos empresariais, grupos de discussão, palestras, workshops e empresas juniores. Os autores também identificam a necessidade de diversificação pedagógica, capacitação docente e superação da predominância de aulas teóricas.

O estudo de Silva e Mariano (2018), que analisa 83 artigos publicados entre 2000 e 2017, mostra que 18 artigos abordam métodos ativos, como jogos de negócios, aprendizagem baseada em problemas (ABP), métodos experienciais, aprendizagem pela prática, *design thinking*, participação social e interação com agentes externos. Esses métodos ganharam destaque após 2010, indicando uma mudança gradual nas propostas pedagógicas. Apenas três artigos mantêm foco em metodologias tradicionais. As autoras destacam que ainda não existe consenso sobre o método mais eficaz.

A diversidade das abordagens pedagógicas adotadas, estão identificadas no Quadro 1, que apresenta uma síntese de oito estudos que ilustram a diversidade das abordagens pedagógicas utilizadas no Brasil, Portugal e China, envolvendo docentes e discentes de diferentes modalidades de ensino.

Vieira *et al.* (2013) analisam o ensino do empreendedorismo em 135 cursos de Administração. A combinação de aulas teóricas e práticas predomina (57,04%), enquanto 27,41% das instituições se limitam à abordagem teórica. Aulas expositivas (98%), estudos de caso (94%), trabalhos em grupo (92%) e plano de negócios (86%) figuram entre as práticas mais adotadas. O estudo revela ainda que 88% dos coordenadores consideram a disciplina fundamental para a formação do administrador, sendo majoritariamente ofertada nos semestres finais.

Quadro 1 – Revisão de literatura

Autores	Nº de discentes	Nº de docentes	Nº de instituições	Pública	Privada	País/Estado/Internacional	Graduação	Pós-graduação	Curso complementar	Ensino	Pesquisa	Extensão	Intenção empreendedora	Vivenciar atividades empreendedoras	Compartilhar experiência empreendedora	Aula expositiva	Estudo de caso	Trabalho teórico em grupo	Plano de negócio	práticas de gestão	Gamificação	Entrevista coordenadores	Entrevista alunos
Vieira <i>et al.</i> (2013)	0	0	135	S	S	BR	ADM	N	N	S	N	N	N	N	N	S	S	S	S	N	N	S	N
Werlang, Fiates e Engel (2017)	0	10	1	N	S	SC	T	T	N	S	S	S	N	N	N	N	N	N	S	S	N	N	N
Takemoto e Oe (2021)	114	0	0	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N	S
Rocha e Freitas (2014)	0	0	0	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A	N	S	N	N	N	S	S	S	S	S	S	N	N	N	N
Mancebo, Silva e Mariano (2017)	41	0	1	S	N	RJ	N	N	S	N	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N
Lamas (2018)	65	0	D	N/A	N/A	PT	S	S	N	N	N	N	N	S	S	N	N	N	N	N	N	N	N
Weersma <i>et al.</i> (2015)	80	0	3	N	S	CE	ADM	N	N	S	N	N	N	S	S	N	S	N	N	N	N	N	S
Lv <i>et al.</i> (2021)	5.603	0	D	N/A	N/A	CN	N/A	N/A	N/A	S	N	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Nota: Nota: S = Sim; N = Não; D = Diverso; N/A = Não se aplica; T = Todas.

Werlang, Fiates e Engel (2017) analisam estratégias de formação de competências empreendedoras utilizadas por uma IES privada do oeste catarinense. O estudo identifica diversas disciplinas que abordam, direta ou indiretamente, a formação de competências empreendedoras distribuídas em diferentes cursos, não restritas apenas ao curso de Administração. Os autores constataam ações que promovem o desenvolvimento de novos negócios por meio de planos de negócios, bem como a existência de um laboratório de práticas de gestão que estimula o empreendedorismo por meio do contato com o meio empresarial e de outras atividades práticas. Além do ensino, verificam que a IES estimula competências empreendedoras em práticas formais de pesquisa e extensão. Na pesquisa, o espírito de experimentação dos estudantes se fortalece com o desenvolvimento de protótipos; na extensão, o espírito empreendedor se amplia tanto na comunidade interna quanto externa, mediante ações voltadas à formação empreendedora do público jovem da região (Werlang; Fiates; Engel, 2017).

Takemoto e Oe (2021) investigam os desafios e o potencial da gamificação on-line, buscando contribuir com novas práticas didático-pedagógicas para o ensino do empreendedorismo. Para isso, aplicam um jogo experimental cujos dados, coletados junto a 114 estudantes, demonstram que atividades gamificadas podem estimular comportamentos empreendedores e desenvolver o pensamento crítico dos discentes. A maioria dos participantes avalia o jogo positivamente e confirma sua eficácia no processo de aprendizagem. Os tópicos mais citados como resultados da aprendizagem em gestão de negócios incluem mudança de demanda (92%), quantidade de demanda (90%), turbulência de mercado e eficácia dos jogos (89%), financiamento (86%) e perspectiva de longo prazo (85%).

Rocha e Freitas (2014) contribuem ao analisar propostas pedagógicas encontradas em periódicos científicos nacionais e internacionais, identificando metodologias que ultrapassam a abordagem teórica tradicional. Os autores destacam métodos como visitas e contatos com empresas, criação de empresas e produtos, jogos de empresas, simulações e incubadoras. A proposta apresentada se destaca por valorizar a experiência prática dos estudantes, preparando-os para os desafios do ambiente de negócios. Entretanto, sua implementação exige qualificação docente, recursos adequados, apoio institucional e avaliação contínua do processo de ensino-aprendizagem para garantir a efetividade das ações.

Mancebo, Silva e Mariano (2017) conduzem um estudo de caso com 41 estudantes do curso complementar Menor de Empreendedorismo e Inovação (MEI) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os resultados mostram que 16 estudantes buscam aprimorar a formação acadêmica e profissional, outros 16 têm intenção de empreender em suas áreas por meio da abertura do próprio negócio e cinco demonstram interesse pelo tema de empreendedorismo ou

inovação. Entre as contribuições do estudo, destacam-se as sugestões dos estudantes sobre a metodologia do curso, que propõem maior entre teoria e prática, evidenciando a busca por uma educação mais dinâmica alinhada à realidade dos negócios.

Lamas (2018) validou um modelo de educação em empreendedorismo no ensino superior. Para isso, realiza uma pesquisa quantitativa com 65 estudantes de licenciatura e mestrado envolvidos em unidades curriculares de empreendedorismo ou áreas correlatas, em diferentes instituições de ensino superior de Portugal, no ano letivo de 2017/2018. Os resultados demonstram a importância da educação empreendedora e seu impacto na vida acadêmica e profissional dos estudantes. Os discentes confirmam a relevância do modelo adotado, ressaltando a oportunidade de vivenciar atividades empreendedoras, o estímulo à criatividade e o compartilhamento de experiências. O estudo evidencia ainda que os estudantes preferem metodologias práticas que desenvolvam competências relacionadas à implantação de ideias no processo empreendedor.

Weersma *et al.* (2015) realizaram uma pesquisa com 80 estudantes do curso de Administração de três IES privadas de Fortaleza. Os estudantes consideram a disciplina de Empreendedorismo relevante para sua formação e defendem sua obrigatoriedade. Apesar disso, relatam carência de atividades práticas em sala de aula. Como pontos fortes, destacam a possibilidade de conhecer processos reais de criação de negócios ao visitar estruturas institucionais, como escritório de gestão e incubadora de empresas. Em relação aos recursos didáticos preferidos, mencionam vídeos, conversas com empreendedores locais, recursos audiovisuais, práticas laboratoriais, simulações de criação de negócios, estudos de caso, exemplos práticos e visitas às empresas.

Lv *et al.* (2021) analisam o impacto da educação empreendedora na intenção empreendedora de estudantes. A pesquisa, realizada com 5.603 discentes de diversas instituições de ensino superior da China, conclui que a educação empreendedora exerce impacto significativo e contribui para o desenvolvimento econômico do país. Os autores ressaltam que o empreendedorismo possui sentido amplo, indo além da criação de negócios, ao auxiliar na identificação e resolução de problemas, na identificação de oportunidades e na criação de valor para a sociedade.

A partir das análises das produções científicas, constata-se que o ensino do empreendedorismo nas instituições de ensino superior deve transcender uma abordagem teórica, promovendo a diversificação pedagógica com a implantação de metodologias práticas (Rocha; Freitas, 2014; Schaefer; Minello, 2016; Werlang; Fiates; Engel, 2017). Nesse sentido, os estudos analisados convergem ao propor maior integração da teoria com a prática,

proporcionando atividades vivenciais por meio da integração com o ambiente real de negócios, como projetos aplicados, laboratórios de práticas, extensão universitária e interação com empreendedores (Weersma et al., 2015; Mancebo; Silva; Mariano, 2017; Lamas, 2018). Assim, a adoção de métodos ativos é amplamente sugerida na literatura, destacando-se estratégias como jogos empresariais, gamificação e a aprendizagem baseada em problemas, que têm demonstrado potencial para estimular comportamentos empreendedores e o pensamento crítico dos estudantes (Takemoto; Oe, 2021; Rocha; Freitas, 2014). Além disso, as produções científicas evidenciam o ensino do empreendedorismo além da formação de empreendedores e da criação de novos negócios, sendo essencial para estimular a criatividade, a inovação e o desenvolvimento econômico e social (Fiala; Andreassi, 2013; Colichi; Lima, 2018; Lv et al., 2021).

4 METODOLOGIA

A pesquisa adota o método comparativo entre dois casos, envolvendo objetos similares e fundamentando-se em uma lógica indutiva (Vidal, 2013). Esse procedimento permite identificar padrões, contrastes e especificidades entre as instituições analisadas, contribuindo para compreender como as práticas educacionais relacionadas ao ensino do empreendedorismo se configuram na graduação.

4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O estudo utiliza uma abordagem qualitativa, adequada à natureza do fenômeno investigado, pois interpreta práticas, percepções e processos pedagógicos a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. A abordagem qualitativa possibilita analisar significados, contextos institucionais e dinâmicas didático-pedagógicas relacionadas ao ensino de empreendedorismo, aspectos que métodos quantitativos não captam de maneira satisfatória. Dessa forma, a pesquisa privilegia a compreensão das relações, interpretações e experiências docentes, alinhando-se aos objetivos propostos (Jardim; Pereira, 2009).

A escolha por esse tipo de abordagem decorre da necessidade de explorar fenômenos educacionais complexos, influenciados por fatores culturais, institucionais e curriculares. A flexibilidade da pesquisa qualitativa favorece a triangulação de fontes, a interpretação aprofundada dos achados e a identificação de singularidades entre as instituições.

A aplicação da abordagem qualitativa ocorre em duas etapas principais. A primeira concentra-se na análise e interpretação das ementas e dos projetos pedagógicos das disciplinas de empreendedorismo, sem interferência do pesquisador, conforme propõe Martins (2015). Nessa fase, utilizam-se documentos considerados fontes secundárias de informação (Gil, 2008).

A segunda etapa envolve a aplicação de questionário junto aos professores que lecionam disciplinas de empreendedorismo, com o objetivo de compreender a importância atribuída ao ensino desse conteúdo nas instituições investigadas. A aplicação do questionário apresenta como alternativa à entrevista presencial tradicional.

O Quadro 2 apresenta as principais características metodológicas adotadas na pesquisa.

Quadro 2 – Características metodológicas

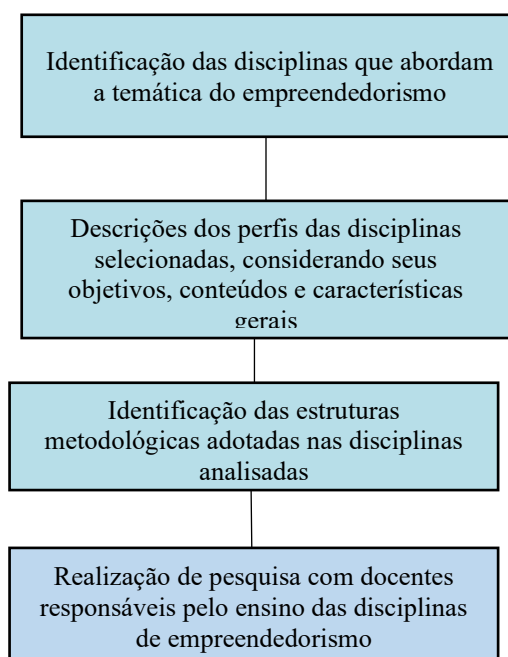
Natureza da pesquisa	Qualitativa
Abordagem metodológica	Exploratória e descritiva
Paradigma	Interpretativista
Método	Análise de conteúdo
Procedimentos de coleta de dados	Análise documental e aplicação de questionário
Instrumentos de coleta de dados	Protocolo de análise e questionário
Análise dos dados	Iramuteq R i386 4.1.3

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

4.2 DESENHO DA PESQUISA

O desenho metodológico se organiza em etapas sequenciais e interdependentes, estruturando o percurso investigativo. Essa organização assegura coerência entre os objetivos da pesquisa e as ações metodológicas, integrando análise documental e investigação empírica. A Figura 2 apresenta graficamente esse desenho e sintetiza o fluxo de procedimentos adotados.

Figura 2 – Desenho e etapas da pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

O modelo proposto é escolhido por permitir uma compreensão aprofundada e comparativa das práticas de ensino de empreendedorismo nas duas instituições analisadas. O encadeamento das etapas — da identificação das disciplinas ao exame das estruturas metodológicas e das percepções docentes — favorece a sistematização dos dados e a interpretação das especificidades institucionais.

4.3 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DAS INSTITUIÇÕES

A escolha da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) fundamenta-se em critérios institucionais, acadêmicos e estratégicos. Minas Gerais é o estado que concentra o maior número de universidades federais no país, e ambas as instituições analisadas figuram entre as mais representativas nesse contexto.

Além disso, as duas universidades demonstram acesso facilitado aos dados e aos sujeitos da pesquisa, bem como a conveniência da proximidade geográfica e conhecimento da realidade institucional.

O Quadro 3 apresenta as instituições analisadas e seus respectivos cursos de graduação, com base em informações publicadas nos sites institucionais.

Quadro 3 – Universidades federais e cursos disponíveis

Instituição	Cidade com Campus/Cursos de graduação
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	<u>Viçosa / Presencial</u> : Administração, Agronegócio, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Bioquímica, Ciência da Computação, Ciência e Tecnologia de Laticínios, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Comunicação Social, Cooperativismo, Dança, Direito, Educação Física, Educação Infantil, Educação do Campo, Enfermagem, Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Florestal, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Pedagogia, Química, Secretariado Executivo, Serviço Social, Zootecnia. <u>Florestal/Presencial</u> : Administração, Agronomia, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Educação Física, Engenharia de Alimentos, Física, Matemática, Química, Tecnologia em Gestão Ambiental. <u>Rio Paranaíba/Presencial</u> : Administração, Agronomia, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Nutrição, Química, Sistemas de Informação.
	Total de cursos de graduação: 62
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	<u>Ouro Preto/Presencial</u> : Administração Pública, Arquitetura e Urbanismo, Artes Cênicas, Ciência da Computação, Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências Biológicas, Direito, Educação Física, Engenharia Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia de Controle e Automação, Engenharia de Minas, Engenharia de Produção, Engenharia Geológica, Engenharia Mecânica, Engenharia Metalúrgica, Engenharia Urbana, Estatística, Farmácia, Filosofia, Física, Matemática, Medicina, Museologia, Música, Nutrição, Química, Química Industrial, Turismo. <u>EAD</u> : Administração Pública, Geografia, Matemática, Pedagogia. <u>Mariana/Presencial</u> : Administração, Ciências Econômicas, História, Jornalismo, Letras, Pedagogia, Serviço Social. <u>João Monlevade/Presencial</u> : Engenharia de Computação, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Sistemas de Informação.
	Total de cursos de graduação: 44
Total geral de cursos de graduação: 106	

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Assim, a pesquisa considera todos os campi das instituições e inclui as modalidades presencial e a distância (EAD), quando existentes.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados se inicia com o levantamento das grades curriculares dos cursos de graduação, a fim de identificar as disciplinas relacionadas ao empreendedorismo. Em seguida, são solicitados às Pró-Reitorias de Ensino, os planos de ensino das disciplinas selecionadas, que são analisados qualitativamente a partir de informações como: nome e código da disciplina, ano de criação, semestre ofertado, carga horária total, carga teórica, carga prática, carga de extensão e ementa.

A carga horária de cada disciplina contribui para compreender a profundidade dos conteúdos abordados e a quantidade de atividades práticas possíveis ao longo do semestre. E a análise das ementas ocorre por meio de análise documental, permitindo compreender os conteúdos, identificar práticas pedagógicas e verificar a integração da temática do empreendedorismo em diferentes áreas do conhecimento.

Para complementar a análise documental, aplica-se um questionário aos docentes responsáveis pelas disciplinas selecionadas. A escolha pelo questionário se fundamenta na compreensão de que os professores possuem conhecimento direto sobre o planejamento e a execução das práticas didático-pedagógicas, além de acesso às avaliações realizadas pelos estudantes.

A aplicação do questionário permite que o participante relate suas experiências de ensino de maneira livre e detalhada. Os dados coletados são analisados com base na técnica de análise de conteúdo, possibilitando identificar padrões e categorias que revelam como o empreendedorismo é abordado nas disciplinas das duas IES.

O instrumento de coleta de dados é dividido em três partes: (1) identificação da universidade e caracterização do docente; (2) percepção sobre a importância do empreendedorismo; e (3) recursos e metodologias utilizadas no ensino.

Com o objetivo de aperfeiçoar o instrumento de pesquisa, realiza-se um pré-teste com até quatro docentes — dois de cada instituição — para identificar possíveis dificuldades de compreensão ou adequação das perguntas.

A aplicação do questionário ocorre por meio do Google Forms, cujo link é enviado ao e-mail institucional dos docentes para facilitar a coleta. As questões fechadas são analisadas de forma descritiva. As questões abertas são tratadas por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), processadas com o auxílio do software IRaMuTeQ, que aumenta o rigor analítico e possibilita a apresentação de representações gráficas dos resultados. O uso de softwares na análise de dados textuais tem se tornado frequente nas áreas de Ciências

Humanas e Sociais, devido à capacidade de organizar grandes volumes de informações e facilitar a localização dos segmentos de texto (Camargo; Justo, 2013; Souza *et al.*, 2018).

O IRaMuTeQ permite a realização de análises estatísticas textuais variadas, como classificação hierárquica descendente (CHD), análises clássicas, análises de especificidades, análises de similitude e construção de nuvens de palavras. Os resultados gerados pelo software se tornam instrumentos fundamentais para explorar o corpus e fundamentar a discussão dos achados (Camargo; Justo, 2013; Souza *et al.*, 2018).

A análise de conteúdo se organiza em três etapas apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Etapas da análise de conteúdo

Etapas	Técnica aplicada	Ferramenta
1ª etapa	Estatística textual, análise lexical, análise temática e hierarquização das respostas no formato de gráficos	Preparação do corpus para IRaMuTeQ em word, criação do ranking através do IRaMuTeQ e sistematização das informações em Excel e hierarquização através do site gerador de gráficos Flourish
2ª etapa	Classificação hierárquica descendente	Preparação do corpus para IRaMuTeQ em word e análise de CHD no software
3ª etapa	Estatística textual, análise lexical, análise temática e hierarquização das respostas no formato de gráficos	Preparação do corpus para IRaMuTeQ em word, criação do ranking através do IRaMuTeQ, sistematização das informações em Excel, hierarquização através do site gerador de gráficos Flourish e análise de similitude no IRaMuTeQ

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A combinação das técnicas permite organizar e explorar os dados de maneira sistemática, identificando padrões lexicais, recorrências temáticas e relações de sentido presentes nos discursos dos docentes. Esse conjunto de procedimentos fornece bases sólidas para a interpretação dos resultados apresentada no capítulo seguinte.

4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE TEXTUAL

A análise textual dos dados discursivos ocorre em múltiplas etapas, envolvendo a preparação do corpus, a organização dos segmentos de texto, a aplicação de técnicas de análise lexical e a utilização de recursos de visualização gráfica. Todas as etapas são conduzidas com apoio do software IRaMuTeQ.

4.5.1 Preparação do corpus textual

As respostas obtidas nas questões discursivas são organizadas em arquivos de texto, transcritas em documento do Word e convertidas para o formato .txt com codificação UTF-8, requisito do IRaMuTeQ.

Após a importação, é gerado um ranking de palavras para cada instituição, resultando em 64 termos para a UFV e 63 para a UFOP. Os rankings são exportados para planilhas eletrônicas, onde os termos são categorizados conforme sua relação com os temas investigados.

A partir dessa categorização, procede-se à análise lexical inicial, seguida da organização dos termos em temas e subtemas. Posteriormente, os dados são integrados à plataforma Flourish para criação de gráficos radiais utilizados na etapa interpretativa.

4.5.2 Estruturação dos segmentos de texto e agrupamento por IES

As respostas referentes ao Tema II — que aborda a importância do empreendedorismo e o papel da universidade — são organizadas em um único corpus, segmentado em dois grupos: participantes da UFV e participantes da UFOP.

O corpus consolidado é submetido à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) no IRaMuTeQ, técnica que identifica agrupamentos lexicais com estruturas linguísticas semelhantes, resultando em classes temáticas.

4.5.3 Procedimentos de análise lexical no IRaMuTeQ

Para o Tema III — recursos e metodologias utilizadas no ensino de empreendedorismo — aplica-se a análise de similitude nas respostas das questões discursiva 4 (QD4) “Na sua opinião, a disciplina de empreendedorismo deve ser obrigatória, optativa ou uma atividade complementar?” e discursiva 5 (QD5) “Como deve ser trabalhada a temática Empreendedorismo dentro de uma disciplina?”, gerando rankings específicos para cada instituição.

Rankings adicionais são gerados para as questões discursiva 6 (QD6) “Quais são os principais desafios que você enfrenta no ensino do empreendedorismo?” e discursiva 7 (QD7) “Existe algo mais que você gostaria de adicionar sobre a sua experiência ou sobre o ensino de empreendedorismo que não abordamos?”, permitindo a análise de padrões de proximidade lexical e a construção de temas centrais e secundários utilizados na interpretação qualitativa.

4.5.4 Construção das nuvens de palavras

A etapa final consiste na elaboração de nuvens de palavras para representar graficamente os termos mais frequentes nos corpus das questões QD6 e QD7. O tamanho das palavras na nuvem corresponde à sua frequência, o que permite visualizar rapidamente os elementos centrais mencionados pelos docentes e subsidiar a discussão analítica.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 IDENTIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DO PERFIL DAS DISCIPLINAS

A análise das disciplinas identificadas revela que ambas as universidades reconhecem a importância do ensino do empreendedorismo ao inserirem conteúdos específicos em suas matrizes curriculares. O crescimento da oferta dessas disciplinas acompanha transformações no mercado globalizado, que, especialmente a partir da década de 1990, ampliaram a demanda por práticas pedagógicas que estimulem a criação de novos negócios e o desenvolvimento de competências empreendedoras (Comassetto, 2019).

O Quadro 5 apresenta as disciplinas ofertadas pela UFV e UFOP entre 2015 e 2024. As duas instituições oferecem um conjunto variado de disciplinas, estruturadas em departamentos distintos e criadas em diferentes períodos. A UFV oferece um número maior de disciplinas contextualizadas em áreas específicas do conhecimento, como Agronomia, Zootecnia, Cooperativismo e Comunicação. Essa diversidade sugere uma preocupação institucional em aproximar o empreendedorismo das realidades profissionais dos estudantes, alinhando-se à recomendação de Schaefer e Minello (2016) sobre a necessidade de metodologias que estimulem investigação, questionamento e aplicação prática. Portanto, torna-se importante incluir abordagens que trabalhem a identificação de oportunidades, disposição para assumir riscos, networking, criatividade e liderança (Henrique; Cunha, 2008).

A UFOP também oferece disciplinas específicas, como “Empreendedorismo para Engenharia de Produção” e “Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia”, mas mantém predominância de disciplinas de caráter geral – “Introdução ao Pensamento Empreendedor”, “Ações Empreendedoras” e “Empreendedorismo”. Tal estrutura revela uma ênfase na formação básica e transversal em empreendedorismo, coerente com abordagens teóricas que defendem a compreensão conceitual como etapa fundamental para a construção de competências empreendedoras (Cualheta *et al.*, 2020).

Em relação à nomenclatura, observa-se a atualização de títulos e códigos em ambas as instituições ao longo dos anos, indicando adequação curricular.

Quadro 5 – Disciplinas de empreendedorismo identificadas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)			
Código	Nome da disciplina	Ano	Semestre
ADM 392	Identificação e Viabilização de Oportunidades de Negócios	2015	2
ENF 443	Gestão de Pequenos e Médios Empreendimentos Florestais	2015	2
ERU 331	Empreendedorismo Social	2015	2
ERU 438	Projetos e Planos de Negócios para Empreendimentos Associativos	2015	2
FIT 493	Empreendedorismo na Agronomia	2015	1
SEC 430	Gestão Secretarial, Social e Empreendedora	2015	1
PRE 414	Projeto de Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios	2017	2
COM 295	Empreendedorismo em Comunicação	2018	2
ADM 392	Empreendedorismo	2021	1
ENG 485	Empreendedorismo e Exercício Profissional em Engenharia Agrícola e Ambiental	2022	1
ENF 443	Empreendedorismo Florestal	2023	2
ADM 290	Administração e Empreendedorismo	2023	2
ZOO 490	Empreendedorismo na Zootecnia	2024	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)			
Código	Nome da disciplina	Ano	Semestre
CEA 493	Empreendedorismo	2015	1
CSA 035	Introdução ao Pensamento Empreendedor	2015	1
CSA 405	Seminário em Plano de Negócios e Empreendedorismo	2015	1
CSA 418	Seminários Avançados em Empreendedorismo	2015	1
PRO 301	Empreendedorismo	2015	2
PRO 302	Ações Empreendedoras	2015	1
PRO 907	Empreendedorismo	2015	1
ENP 575	Empreendedorismo para Engenharia de Produção	2015	2
ENP 493	Empreendedorismo	2016	1
QUI 507	Empreendedorismo Tecnológico	2016	2
CAD 035	Introdução ao Pensamento Empreendedor	2017	1
CAD 405	Seminário em Plano de Negócios e Empreendedorismo	2017	1
CAD 418	Seminários Avançados em Empreendedorismo	2017	1
GEP 020	Empreendedorismo e Redes de Cooperação na Esfera Pública	2021	2
CBI073	Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia	2023	2

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

O Quadro 6 apresenta as cargas horárias das disciplinas. Predomina, nas duas instituições, a carga horária total de 60 horas. Entretanto, a distribuição entre teoria, prática e extensão difere significativamente:

- Na UFV, a maior parte das disciplinas inclui carga prática e, em alguns casos, carga de extensão, o que reforça uma orientação aplicada.
- Na UFOP, predominam disciplinas de carga essencialmente teórica, com poucas iniciativas práticas e sem qualquer oferta de carga extensionista.

Quadro 6 – Carga horária das disciplinas de empreendedorismo

(continua)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)					
Código	Nome da disciplina	CH total	CH teórica	CH prática	CH extensão
ERU 331	Empreendedorismo Social	60	4	0	0
ERU 438	Projetos e Planos de Negócios para Empreendimentos Associativos	60	2	2	30
FIT 493	Empreendedorismo na Agronomia	60	2	2	0
SEC 430	Gestão Secretarial, Social e Empreendedora	60	1	3	3
PRE 414	Projeto de Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios	60	1	3	0
COM 295	Empreendedorismo em Comunicação	60	2	2	2
ADM 392	Empreendedorismo	75	3	2	0
ENG 485	Empreendedorismo e Exercício Profissional em Engenharia Agrícola e Ambiental	45	3	0	0
ENF 443	Empreendedorismo Florestal	45	3	0	0
ADM 290	Administração e Empreendedorismo	60	4	0	15
ZOO 490	Empreendedorismo na Zootecnia	60	4	0	0

Quadro 6 – Carga horária das disciplinas de empreendedorismo

(conclusão)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)					
Código	Nome da disciplina	CH total	CH teórica	CH prática	CH extensão
ENP 493	Empreendedorismo	60	4	0	0
PRO 301	Empreendedorismo	60	4	0	0
PRO 302	Ações Empreendedoras	60	1	3	0
PRO 907	Empreendedorismo	30	2	0	0
ENP 575	Empreendedorismo para Engenharia de Produção	60	4	0	0
QUI 507	Empreendedorismo Tecnológico	30	2	0	0
CAD 035	Introdução ao Pensamento Empreendedor	60	4	0	0
CAD 405	Seminário em Plano de Negócios e Empreendedorismo	60	4	0	0
CAD 418	Seminários Avançados em Empreendedorismo	60	2	2	0
GEP 020	Empreendedorismo e Redes de Cooperação na Esfera Pública	60	4	0	0
CBI073	Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia	60	2	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Essa diferença reforça a variação entre as abordagens metodológicas das duas IES, uma vez que a literatura indica que práticas como estudos de caso, simulações, laboratórios e visitas técnicas fortalecem o desenvolvimento de competências empreendedoras (Werlang; Fiates; Engel, 2017; Almeida; Cordeiro; Silva, 2018).

A variação observada entre as duas instituições revela não apenas distinções curriculares, mas diferentes concepções sobre o próprio processo formativo em empreendedorismo. Enquanto a UFV apresenta maior ênfase em componentes práticos e extensionistas, aproximando-se de uma abordagem experiencial, a UFOP evidencia predominância teórica, alinhada a uma perspectiva conceitual e reflexiva. Essa diferença dialoga com o debate apresentado por Rocha e Freitas (2014), segundo o qual o ensino do empreendedorismo deve articular desenvolvimento de atitudes, aquisição de conhecimentos e estímulo a habilidades práticas. Assim, a análise das cargas horárias sugere que as instituições operacionalizam de maneira distinta os pilares formativos discutidos na literatura, refletindo diferentes estratégias de institucionalização do empreendedorismo no ensino superior (Rocha; Freitas, 2014).

O Quadro 7 sintetiza as principais diferenças institucionais em relação às disciplinas ofertadas:

- A UFV, destaca-se pela integração prática e extensionista dentro de áreas específicas do conhecimento.
- A UFOP, prioriza uma base teórica sólida, com menor foco em atividades práticas e de extensão.

Quadro 7 – Análise comparativa das disciplinas ofertadas

Critério de análise	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Perfil das disciplinas	Oferece um número maior de disciplinas contextualizadas em áreas específicas do conhecimento, como Agronomia, Zootecnia, Cooperativismo e Comunicação.	Predominância de disciplinas de caráter geral, como “Introdução ao Pensamento Empreendedor”, que demonstra uma ênfase na formação básica e transversal em empreendedorismo.
Abordagem pedagógica	Ênfase na aproximação com a realidade profissional e aplicação prática.	Foco na formação básica, teórica e conceitual.
Distribuição de carga horária	Maioria das disciplinas com carga horária prática e algumas com extensão.	Predominância de disciplinas essencialmente teóricas, com poucas iniciativas práticas e nenhuma carga horária de extensão.
Orientação metodológica	Orientação aplicada, alinhada ao desenvolvimento de competências profissionais por meio da prática.	Orientação com ênfase na formação básica e transversal, coerente com abordagens teóricas que concentram na compreensão conceitual.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Os resultados evidenciam que a forma como o empreendedorismo é institucionalizado nas matrizes curriculares reflete abordagens distintas entre as duas universidades analisadas. A maior presença de disciplinas contextualizadas por área e com componentes práticos e extensionistas na UFV converge com perspectivas que compreendem o empreendedorismo como processo formativo e aplicado, voltado ao desenvolvimento de competências e à interação com o contexto profissional (Dolabela, 2006; Werlang; Fiates; Engel, 2017). Por outro lado, a predominância de disciplinas de caráter mais teórico e transversal na UFOP dialoga com abordagens que enfatizam a construção conceitual e o desenvolvimento do pensamento crítico como base para a ação empreendedora (Cualheta et al., 2020; Vale, 2014), indicando diferentes estratégias institucionais de inserção do empreendedorismo no ensino superior.

5.2 ANÁLISE DAS EMENTAS E DAS PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

A análise das ementas mostra que UFV e UFOP tratam do empreendedorismo de forma ampla, incluindo fundamentos teóricos e aplicações práticas. O Quadro 8 mostra que, das 11 disciplinas da UFOP, sete priorizam fundamentos teóricos, enquanto na UFV apenas três mantêm esse foco.

Quadro 8 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo com abordagem nos fundamentos teóricos

(continua)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
ERU 438	Projetos e Planos de Negócios para Empreendimentos Associativos	Conceitos e aplicações de plano de negócios. Elementos de planejamento aplicados a plano de negócios. Estrutura do plano de negócios. Aspectos adicionais a serem considerados na elaboração de plano de negócios para empreendimentos solidários. Roteiro de elaboração de um plano de negócios.
PRE 414	Projeto de Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios	Ideia, Viabilidade de negócio, Inovação e Liderança; Negócios Inovadores e Empreendedorismo no Brasil; Desafios do empreendedor; Noção básica de um modelo de negócios; Educação Empreendedora; Empreendedorismo Social. A nova lógica das Plataformas de negócios.
ADM 392	Empreendedorismo	Empreendedorismo: perfil e características. Inovação e criatividade. Identificação, Análise e Seleção de oportunidades de negócios. Preparação do Plano de negócio. Sistema de apoio financeiro e gerencial ao pequeno empresário. Criação e desenvolvimento de Startups.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
ENP 493	Empreendedorismo	Características das pequenas e médias empresas brasileiras. Plano de negócios: planejamento, execução e apresentação. Marketing, finanças e gestão de pequenas e médias empresas. Refletir acerca deste tipo peculiar de agente realizador, procurando despertar nos participantes o espírito empreendedor e alertá-los sobre as exigências, encargos e riscos inerentes ao trabalho inovador. discutir as razões que tornam o tema empreendedorismo um tópico de elevado interesse. investigar os elementos psicológicos e sociológicos que influenciam os empreendedores. Tratar do perfil, das motivações e as competências específicas do empreendedor.
PRO 301	Empreendedorismo	Desenvolvimento da capacidade empreendedora do estudante universitário, com ênfase no estudo do perfil do empreendedor, nas técnicas de identificação e aproveitamento de oportunidades, na aquisição e gerenciamento dos recursos necessários ao negócio, fazendo uso de metodologias que priorizam técnicas de criatividade e da aprendizagem proativa.

Quadro 8 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo com abordagem nos fundamentos teóricos

(conclusão)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
PRO 302	Ações Empreendedoras	Introdução disciplina. Plano de negócios simplificado. Características do empreendedor. Estudo do perfil do empreendedor. Desenvolvimento da capacidade empreendedora do estudante. Desenvolvimento e apresentação do plano de negócio.
PRO 907	Empreendedorismo	Atividade empreendedora. Desenvolvimento de negócios. Implementação de negócios. Experiências de empreendedores.
CAD 035	Introdução ao Pensamento Empreendedor	Meta e empreendedorismo, ação, valor e finalidade. Principais abordagens ao estudo do fenômeno empreendedor. Epistemologia. Campo unificado (fenomenologia do empreendedorismo). A ética do empreendedorismo. Empreendedorismo: modo de ser e de ver. Tipos de homem e teoria empreendedora.
CAD 405	Seminário em Plano de Negócios e Empreendedorismo	Empreendedorismo, empreendimento e empresa: oportunidade de negócios, criatividade e visão empreendedora. Formação e desenvolvimento de empreendedores. O perfil do empreendedor de sucesso. Planejamento, ferramentas de gestão e avaliação de empreendimentos. A oferta de trabalho e a iniciativa empreendedorista. Políticas e estratégias competitivas para os empreendimentos emergentes. Órgãos e instituições de apoio à geração de empreendimentos inovadores. Elaboração de planos de negócios.
CAD 418	Seminários Avançados em Empreendedorismo	Constituição ontoteológica do empreendedorismo. Filosofia do empreendedorismo. Análise das novas abordagens ao estudo do fenômeno empreendedorismo, a partir de diferentes correntes epistemológicas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Na UFOP, ementas das disciplinas CAD 035 (Introdução ao Pensamento Empreendedor) e CAD 418 (Seminários Avançados em Empreendedorismo) abordam conceitos como ontoteologia, fenomenologia e epistemologia. Isso indica que o estudo do empreendedorismo é voltado para a natureza do ser empreendedor, buscando entender as raízes éticas e existenciais desse agente. Assim como, existem a discussão conceitual e o estudo de diferentes “correntes epistemológicas”, permitindo que o estudante questione e analise o fenômeno de forma aprofundada.

Na UFV, as ementas, como da disciplina ADM 392 (Empreendedorismo), embora abordem o perfil empreendedor, estão voltadas também para a aplicação, como a criação de startups. A teoria está direcionada para a “viabilidade de negócio” e “plataformas de negócios”.

O plano de negócios figura como prática recorrente em ambas as universidades, embora a UFV apresente disciplinas com maior orientação aplicada, como "Projetos e Planos de Negócios para Empreendimentos Associativos" e "Projeto de Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios".

Ainda não existe consenso sobre qual método se mostra mais efetivo no ensino do empreendedorismo, abordagens baseadas em métodos ativos ou abordagens mais tradicionais. Novas pesquisas têm proporcionado discussões e estudos mais aprofundados acerca do tema (Silva; Mariano, 2018). A conciliação da teoria com a prática reforça a preocupação dos estudantes com uma educação mais dinâmica e alinhada à realidade do mundo dos negócios (Mancebo; Silva; Mariano, 2017).

A coexistência de abordagens teóricas e práticas identificada nas ementas confirma a pluralidade do campo do empreendedorismo, já destacada no referencial teórico (Gartner, 1994; Vale, 2014). A predominância de fundamentos epistemológicos na UFOP sugere uma preocupação com a compreensão crítica do fenômeno empreendedor, enquanto a orientação aplicada da UFV aproxima-se de modelos formativos baseados na experimentação e na aprendizagem pela ação. Essa distinção pode ser interpretada à luz da teoria da effectuation (Sarasvathy, 2001), na medida em que práticas vivenciais tendem a favorecer a construção de oportunidades a partir da interação com o contexto, reforçando o caráter processual do empreendedorismo.

O Quadro 9 indica que as disciplinas da UFV relacionam o empreendedorismo a cursos específicos e a UFOP mantém menor diversidade de disciplinas específicas.

A UFV promove o empreendedorismo em áreas como Agronomia, Zootecnia, Engenharia Florestal e Comunicação. As ementas enfatizam a identificação de oportunidades nessas áreas específicas, como a “aprendizagem baseada em problemas” na Comunicação (COM 295) e “vivências empreendedoras” na Engenharia Agrícola (ENG 485).

A UFOP apresenta uma diversidade menor de disciplinas em áreas específicas, mas destaca-se pela inserção do tema em contextos de gestão pública e tecnologia. Disciplinas como “Empreendedorismo tecnológico” (QUI 507) e “Empreendedorismo na Esfera Pública” (GEP 020) abordam conteúdos sobre inovação, patentes e estruturas de cooperação.

Quadro 9 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo em áreas do conhecimento

(continua)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
ERU 331	Empreendedorismo Social	Empreendedorismo: conceitos e tendências. Caracterização do empreendedor. Similaridades e diferenças entre empreendedorismo social e privado. Empreendedorismo social e processos de inovação social. Conceito de tecnologia social e sua relação com o cooperativismo. Formas, organizações e experiências de iniciativas do terceiro setor e de empresas sociais no Brasil e no mundo. Elaboração, implementação e avaliação de projetos sociais. Estudos de caso.
FIT 493	Empreendedorismo na Agronomia	Empreendedorismo: conceitos e aplicações. Motivações e objetivos pessoais. Perfil do empreendedor: características empreendedoras. Desenvolvimento da visão empreendedora e identificação de oportunidades. Criatividade, geração e validação de ideias. Teorias e ferramentas para a concepção e modelagem de negócio, Plano de Negócios.
SEC 430	Gestão Secretarial, Social e Empreendedora	Empreendedorismo. Organização e gestão de eventos. Etiqueta e cerimonial.
COM 295	Empreendedorismo em Comunicação	Aspectos Gerais sobre empreendedorismo e aprendizagem baseada em problemas. Aspectos sobre empreendedorismo social e comunicação. Contato com empreendedores sociais locais para identificação de problemas, levantamento e análise; Proposição de ações, intervenções e/ou transformações inovadoras para empreendedores sociais locais.
ENG 485	Empreendedorismo e Exercício Profissional em Engenharia Agrícola e Ambiental	Desenvolvimento da capacidade empreendedora. Avaliação da ideia de empresa. Vivências empreendedoras. Oportunidades de negócios no campo da Engenharia Agrícola e Ambiental. Elaboração do plano de negócios. Apresentação da ideia. Curriculum vitae, entrevistas e participação em concursos. Sistema CONFEA/CREA. Patentes e direitos autorais. Atuação em entidades profissionais. Ética profissional.
ENF 443	Empreendedorismo Florestal	Papel e importância dos pequenos e médios empreendimentos florestais (PMEs). Perfil do Empreendedor. Iniciando o Plano de Negócio. Análise de Mercado. Desenvolvimento dos PMEs florestais. Planejamento estratégico para o empreendedor florestal. Ferramentas para auxiliar o planejamento na empresa floresta. Análise Financeira do Plano de Negócio. Finalização do Plano de Negócio. Composição de empresas. Cases de empreendedorismo florestal.
ADM 290	Administração e Empreendedorismo	O empreendedor e o empreendedorismo. Oportunidades de negócios: ideia e viabilidade. Empreendedorismo tecnológico e Empreendedorismo social. Metodologias de apoio à modelagem de negócios. Atualidades de Administração e Empreendedorismo.

Quadro 9 – Ementas das disciplinas de empreendedorismo em áreas do conhecimento (conclusão)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
ZOO 490	Empreendedorismo na Zootecnia	Apresentação do curso. Caminhos do autoaprendizado: as fases do processo de criação de empresa na área de Zootecnia. Desenvolvimento do "conceito de si" e "espaço de si". Perfil empreendedor na área de Zootecnia. Aumento da criatividade. Construção da rede de relações na área de Zootecnia. Processo visionário na área de Zootecnia. Avaliação das condições para iniciar o Plano de Negócios. Construção do plano de negócios na área de Zootecnia. Negociação do plano de negócios na área de Zootecnia. Avaliação final (Júri).
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		
Código	Nome da disciplina	Ementa
ENP 575	Empreendedorismo para Engenharia de Produção	Características das pequenas e médias empresas brasileiras. Plano de negócios: planejamento, execução e apresentação. Marketing, finanças e gestão de pequenas e médias empresas. Refletir acerca deste tipo peculiar de agente realizador, procurando despertar nos participantes o espírito empreendedor e alertá-los sobre as exigências, encargos e riscos inerentes ao trabalho inovador. discutir as razões que tornam o tema empreendedorismo um tópico de elevado interesse. investigar os elementos psicológicos e sociológicos que influenciam os empreendedores. Tratar do perfil, das motivações e as competências específicas do empreendedor.
QUI 507	Empreendedorismo Tecnológico	Fundamentos de empreendedorismo tecnológico: inovação/marcos legais, propriedade intelectual/patentes, spin-offs acadêmicos, relação universidade-empresa.
GEP 020	Empreendedorismo e Redes de Cooperação na Esfera Pública	Fundamentos do empreendedorismo. Gestão empreendedora. Empreendedorismo. Conceito, gênese e tipos de redes, modelos de gestão e estruturas de redes públicas. Redes federativas e redes públicas de cooperação, redes comunitárias. Complementaridade e supletividade nas redes híbridas.
CBI073	Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia	Importância da educação empreendedora, tecnologia, mercado, poder, organização e estratégia empresarial. Desenvolvimento tecnológico no Brasil. Estudo de viabilidade econômica, técnica e científica (EVETEC). Desenvolvimento sustentável. Setor empresarial brasileiro. Sistema de gestão em biotecnologia. Sociedade do conhecimento: importância da proteção, processo da gestão da inovação nas instituições de ciência e tecnologia, transferência de tecnologia (esquema, processo e exemplos concretos), interação universidade-empresa, apresentações do tipo pitch.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Assim, as ementas da UFRV indicam maior estímulo ao pensamento inovador e à aplicação prática, enquanto as da UFOP priorizam o desenvolvimento do pensamento crítico e a discussão conceitual. A literatura indica que ambas as abordagens se mostram viáveis, embora

a combinação equilibrada de teoria e prática represente a abordagem mais efetiva para a aprendizagem empreendedora (Weersma *et al.*, 2015; Takemoto; Oe, 2021).

O Quadro 10 sintetiza as principais diferenças institucionais em relação às ementas das disciplinas ofertadas. Embora ambas as IES reconheçam a importância do plano de negócios e do estudo do perfil empreendedor, elas adotam métodos pedagógicos distintos:

- A UFV, consolida uma abordagem predominantemente prática e aplicada, integrando o empreendedorismo a áreas específicas por meio de metodologias ativas e vivenciais. Alinhamento da educação à realidade do mundo dos negócios através de ementas que incentivam a criação de novos negócios.
- A UFOP, prioriza uma formação direcionada para o teórico-conceitual, com ênfase no desenvolvimento do pensamento crítico e no aprofundamento das bases epistemológicas e filosóficas do fenômeno empreendedor.

Quadro 10 – Análise comparativa das ementas

Categoria de análise	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Abordagem predominante	Aplicação prática e estímulo ao pensamento inovador.	Fundamentos teóricos, pensamento crítico e discussão conceitual.
Distribuição de conteúdo	Apenas 3 das 11 disciplinas priorizam fundamentos teóricos.	7 das 11 disciplinas priorizam fundamentos teóricos.
Integração com cursos	Disciplinas vinculadas a áreas específicas, como Agronomia, Zootecnia e Engenharia Florestal.	Menor diversidade de disciplinas vinculadas a áreas específicas.
Metodologias e práticas	Utilização de estudos de caso, projetos práticos, vivências e simulações.	Aprofundamento em elementos psicológicos, sociológicos, epistemologia e ética do empreendedorismo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A análise das ementas confirma a coexistência de abordagens teóricas e práticas no ensino do empreendedorismo, aspecto amplamente discutido na literatura. Enquanto a UFV privilegia metodologias aplicadas, projetos práticos e vivências empreendedoras, a UFOP enfatiza fundamentos teóricos, epistemológicos e filosóficos do fenômeno empreendedor. Esses achados corroboram estudos que apontam a ausência de consenso quanto ao método mais efetivo para o ensino do empreendedorismo, bem como a relevância da combinação equilibrada entre teoria e prática para a aprendizagem empreendedora (Rocha; Freitas, 2014; Silva; Mariano, 2018; Schaefer; Minello, 2016). Assim, os resultados reforçam a compreensão de que

diferentes abordagens pedagógicas podem coexistir, desde que alinhadas aos objetivos formativos e ao contexto institucional.

5.3 ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS DOCENTES

A aplicação do questionário possibilita compreender a perspectiva docente sobre o ensino de empreendedorismo. Das 11 disciplinas em cada IES, obtém-se retorno de nove professores em cada instituição, conforme o Quadro 11, o que representa 100% das disciplinas analisadas. Na UFV, um docente ministra três disciplinas; na UFOP, ocorre situação semelhante.

Quadro 11 – Identificação das disciplinas e professores

(continua)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)		
Código	Nome da disciplina	Professor
ERU 331	Empreendedorismo Social	Professor 1
ERU 438	Projetos e Planos de Negócios para Empreendimentos Associativos	Professor 2
FIT 493	Empreendedorismo na Agronomia	Professor 3
SEC 430	Gestão Secretarial, Social e Empreendedora	Professor 4
PRE 414	Projeto de Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios	Professor 5
COM 295	Empreendedorismo em Comunicação	Professor 6
ADM 392	Empreendedorismo	Professor 5
ENG 485	Empreendedorismo e Exercício Profissional em Engenharia Agrícola e Ambiental	Professor 7
ENF 443	Empreendedorismo Florestal	Professor 8
ADM 290	Administração e Empreendedorismo	Professor 5
ZOO 490	Empreendedorismo na Zootecnia	Professor 9
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		
Código	Nome da disciplina	Professor
ENP 493	Empreendedorismo	Professor 1
PRO 301	Empreendedorismo	Professor 2
PRO 302	Ações Empreendedoras	Professor 2
PRO 907	Empreendedorismo	Professor 2
ENP 575	Empreendedorismo para Engenharia de Produção	Professor 3
QUI 507	Empreendedorismo Tecnológico	Professor 4
CAD 035	Introdução ao Pensamento Empreendedor	Professor 5
CAD 405	Seminário em Plano de Negócios e Empreendedorismo	Professor 6

Quadro 11 – Identificação das disciplinas e professores

(conclusão)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP)		
Código	Nome da disciplina	Professor
CAD 418	Seminários Avançados em Empreendedorismo	Professor 7
GEP 020	Empreendedorismo e Redes de Cooperação na Esfera Pública	Professor 8
CBI073	Inovação e Empreendedorismo em Biotecnologia	Professor 9

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A identificação dos docentes permite contextualizar as análises posteriores, evidenciando a diversidade de formações e experiências entre os responsáveis pelas disciplinas. Essa heterogeneidade contribui para diferentes abordagens pedagógicas e amplia a compreensão sobre como cada professor organiza conteúdos e práticas de ensino. A caracterização inicial, portanto, serve como base para interpretar de maneira mais precisa os resultados obtidos nas entrevistas.

5.3.1 Análise das questões objetivas

A Tabela 2 relaciona titulação e tempo de docência. A UFV apresenta oito professores com mais de seis anos de experiência e titulação de doutorado ou pós-doutorado, enquanto na UFOP apenas três docentes se enquadram nesse perfil. Essa diferença sugere maior senioridade acadêmica entre os responsáveis por disciplinas de empreendedorismo na UFV.

Tabela 2 – Relação entre titulação docente e tempo de atuação na disciplina de empreendedorismo

Relação	UFV	UFOP
Graduação há mais de 6 anos	1	2
Mestrado entre 1 e 3 anos	0	2
Doutorado entre 1 e 3 anos	0	1
Doutorado há mais de 6 anos	3	1
Pós-doutorado entre 1 e 3 anos	0	1
Pós-doutorado há mais de 6 anos	5	2

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A Tabela 3 mostra outras relações entre as respostas dos docentes da UFV e UFOP, apresentando um cruzamento de variáveis de perfil do docente (experiência e titulação) com os recursos e metodologias utilizadas no ensino, com intenção de compreender os padrões que diferenciam ou assemelham entre as duas universidades.

Tabela 3 – Relação entre as respostas dos docentes

Relação	UFV	UFOP
I. Ter cursado uma disciplina de empreendedorismo na graduação e ser responsável pela elaboração da ementa.	1	2
II. Titulação de doutorado ou pós-doutorado e responsável pela elaboração da ementa da disciplina de empreendedorismo.	5	3
III. Coordena ou já coordenou algum projeto de extensão na área de empreendedorismo e é responsável pela elaboração da ementa da disciplina de empreendedorismo.	3	3
IV. Coordena ou já coordenou algum projeto de extensão na área de empreendedorismo e utiliza na disciplina a elaboração de ideias de negócios ou projetos práticos.	4	4
V. Participação de empreendedores externos na disciplina e avaliação por meio de projetos práticos.	6	5
VI. Relevância da oferta da disciplina de empreendedorismo em todos os cursos de graduação e titulação de doutorado ou pós-doutorado.	6	5
VII. Participação de empreendedores externos na disciplina e utiliza a elaboração de ideias de negócios ou projetos práticos na disciplina.	9	5

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

A experiência prévia em disciplinas de empreendedorismo não se relaciona diretamente à elaboração da ementa, demonstrando que a experiência do docente ter cursado uma disciplina não contribui para o desenvolvimento do projeto pedagógico. Em ambas as instituições existem professores responsáveis pela elaboração da ementa que não cursaram uma disciplina de empreendedorismo na graduação.

A titulação elevada associa-se à responsabilidade pela ementa na UFV, demonstrando que professores com maiores titulações (Doutorado ou Pós-Doutorado) são responsáveis pela elaboração da ementa da disciplina. Na UFOP, esta relação não é significativa.

A participação em projetos de extensão não determina a atuação na elaboração de ementas, mostrando que os docentes que coordenam ou já coordenaram algum projeto de extensão na área de empreendedorismo não são responsáveis pela elaboração da ementa da disciplina de empreendedorismo.

Da mesma forma, a participação em projetos de extensão não determina a utilização de atividades práticas na disciplina, ou seja, não é significativo o número de docentes (menos de 50%) que coordenam projeto de extensão e utilizam a elaboração de ideias de negócios ou projetos práticos na disciplina.

Nas duas instituições, a presença de empreendedores externos relaciona-se à adoção de avaliações práticas, significando que a maioria dos entrevistados confirmam a utilização desta prática metodológica na disciplina.

Os docentes com maior titulação tendem a considerar o empreendedorismo relevante para todos os cursos de graduação, ou seja, os entrevistados de ambas as IES com titulação de doutorado ou pós-doutorado são mais propensos a considerar o empreendedorismo relevante em todos os cursos de graduação. E na UFV, todos os professores que recebem empreendedores externos utilizam a elaboração de ideias de negócios ou projetos práticos na disciplina (relação VII da Tabela 3).

A Tabela 4 confirma que projetos práticos constituem uma forma de avaliação adotada pelas duas IES, enquanto trabalhos em grupo configura um método de avaliação utilizado por todos os docentes da UFOP. Os métodos que transcendem a abordagem teórica, como criação de empresas e produtos, jogos de empresas, simulações e incubadoras, são mais indicados para o ensino do empreendedorismo, por valorizar a experiência prática dos estudantes e prepará-los para os desafios do ambiente de negócios (Rocha; Freitas, 2014).

Tabela 4 – Formas de avaliação

Relação	UFV	UFOP
Trabalhos em grupo	6	9
Apresentações de pitches	4	7
Projetos práticos (Plano de negócios, Canvas, Protótipo etc.)	7	8

Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

A utilização de projetos práticos na disciplina proporciona uma integração da teoria com a prática, promovendo a vivência de atividades que simulam um ambiente real de negócios. A conciliação da teoria com a prática reforça a preocupação dos estudantes com uma educação mais dinâmica e alinhada à realidade do mundo dos negócios (Mancebo; Silva; Mariano, 2017).

Outras três formas de avaliação também aparecem entre os docentes da UFV: (1) criação de empresa emergente com vivência de venda e apresentação de resultados; (2) entrevista com empreendedor; e (3) elaboração de projeto social. Essas modalidades também se configuram como práticas aplicadas. O interesse discente confirma a tendência de preferência por metodologias que valorizam a prática e desenvolvem competências relacionadas à implementação de ideias, conforme apontado por Lamas (2018).

5.3.2 Análise das questões discursivas

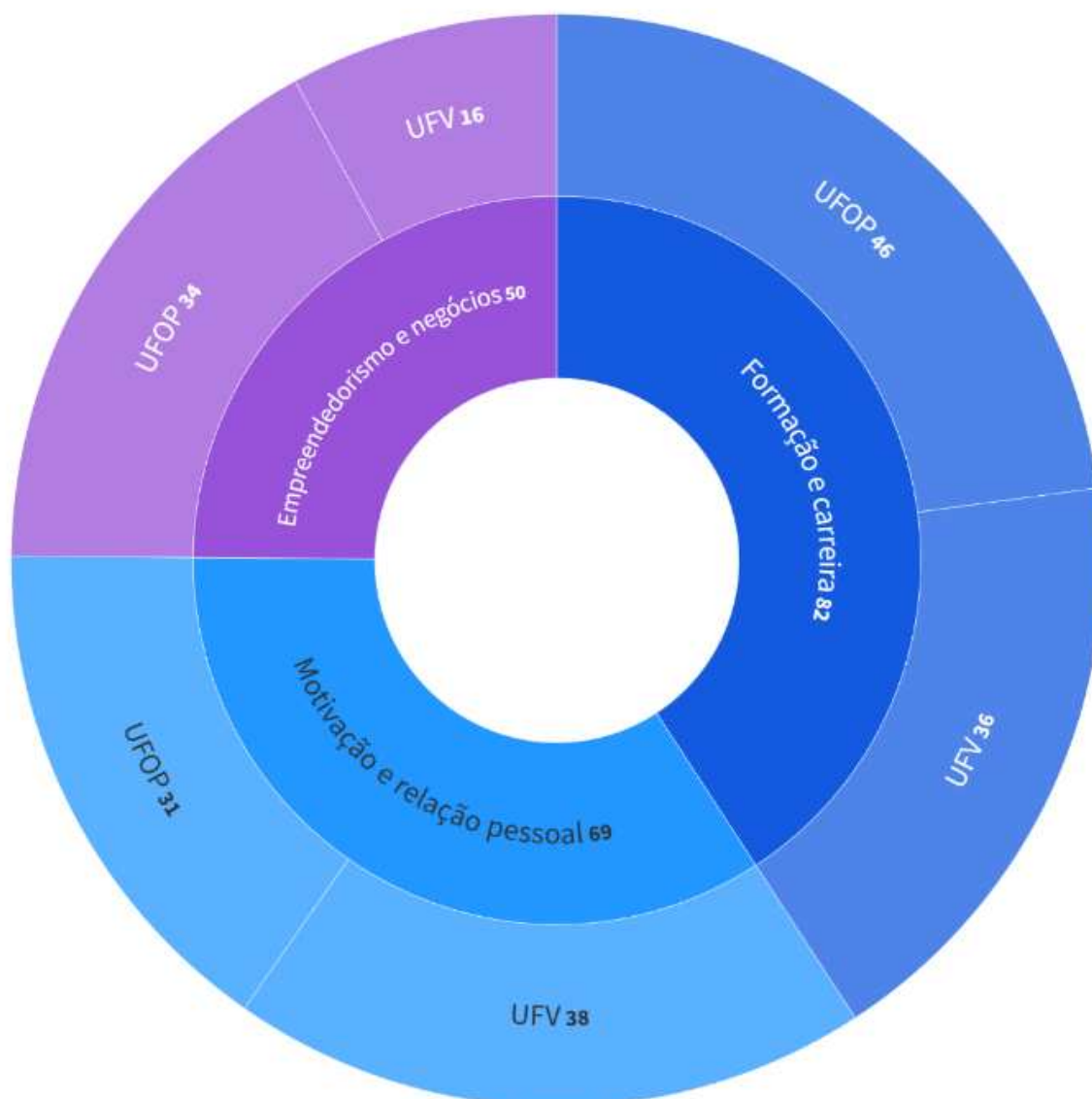
5.3.2.1 Tema I – Identificação da universidade e perfil do professor

O tema I da pesquisa, que trata da “Identificação da universidade e caracterização do professor”, gerou respostas para a questão discursiva 1 (QD1) “Você se tornou professor de empreendedorismo por afinidade com a temática?”. As respostas subsidiaram a preparação de um corpus em word que foi inserido no IRaMuTeQ. Este software gerou um ranking de palavras para cada instituição, resultando em 64 termos para a UFV e 63 para a UFOP. Em seguida, os termos são categorizados conforme sua relação com o tema investigado. A partir dessa categorização, procede-se à análise lexical inicial, seguida da organização dos termos em temas e subtemas. Posteriormente, os dados são integrados à plataforma Flourish para criação de gráficos radiais utilizados na etapa interpretativa.

A análise das respostas revela três categorias principais, representadas nos Gráficos 1 e 2:

- 1) **Formação e carreira:** é a categoria mais frequente. Indica que a trajetória acadêmica influencia diretamente a atuação docente no ensino de empreendedorismo, especialmente na UFOP.
- 2) **Motivação e relação pessoal:** tem presença significativa na UFV, demonstrando afinidade construída ao longo da prática docente.
- 3) **Empreendedorismo e negócios:** é a categoria menos frequente, embora presente entre docentes que possuem experiência empresarial prévia.

Gráfico 1 – Frequências das categorias léxicas por tema



Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Assim, formação acadêmica e desenvolvimento profissional constituem os principais fatores na escolha pela docência em empreendedorismo.

De forma complementar, o Gráfico 2 mostra em detalhes a composição das categorias léxicas apresentadas no Gráfico 1 e estabelece as conexões diretas entre os termos e as instituições UFOP e UFV. Dessa forma, é possível identificar em cada IES as conexões formadas entre as categorias e os termos mencionados pelos entrevistados (Gráfico 2). A seguir, são apresentadas as categorias e suas respectivas relações com as respostas dos docentes.

Assim, os termos mencionados pelos docentes das duas universidades sugerem que a formação e a trajetória profissional influenciam a escolha pela docência em empreendedorismo, sendo essa categoria mais expressiva entre os professores da UFOP.

A segunda categoria mais frequente é “Motivação e relação pessoal” com 69 termos categorizados. Os participantes da UFV indicam que fatores motivacionais e experiências pessoais exercem forte influência na decisão de lecionar empreendedorismo, conforme o exemplo:

Quando cheguei na UFV esta foi a disciplina que me delegaram. Não era uma disciplina ou temática da qual eu tive uma preparação anterior. Mas ao longo dos anos foi aprimorando e me desenvolvendo, me inserindo nos espaços de discussão da temática, hoje tenho inserção e muito afinidade.

Na UFOP, a relação pessoal com o tema também aparece, como demonstra o segmento:

Sim, a disciplina de Empreendedorismo é muito importante, pois grande parte do PIB brasileiro é gerada por micro e pequenas empresas. No entanto, muitas delas encerram suas atividades precocemente por falta de conhecimentos básicos de gestão e empreendedorismo. A disciplina contribui para desenvolver essas competências, estimulando a inovação e a sustentabilidade dos negócios.

A categoria “Empreendedorismo e negócios” apresenta a menor frequência. Na UFV, o baixo número de termos indica que a afinidade direta com a área de negócios não explica, de forma significativa, a escolha pela docência em empreendedorismo, conforme exemplificado: “Sim. Porque dominava algumas ferramentas ligadas ao tema”. Na UFOP, contudo, há maior associação entre experiência profissional empreendedora e atuação docente, como demonstra o trecho:

Eu me tornei professor das disciplinas de empreendedorismo pois já tive empresas antes de me tornar professor. Logo a afinidade com o tema começou pois eu havia tido experiência na atuação como empreendedor empresário. Além disso eu havia feito parte da empresa jr de computação na graduação, chegando a ser presidente por uma gestão.

Dessa forma, a categoria “Formação e carreira” exerce maior influência sobre a escolha pela docência em empreendedorismo entre os professores da UFOP, enquanto na UFV, “Empreendedorismo e negócios” apresenta menor impacto nessa escolha.

5.3.2.2 Tema II – Importância do empreendedorismo

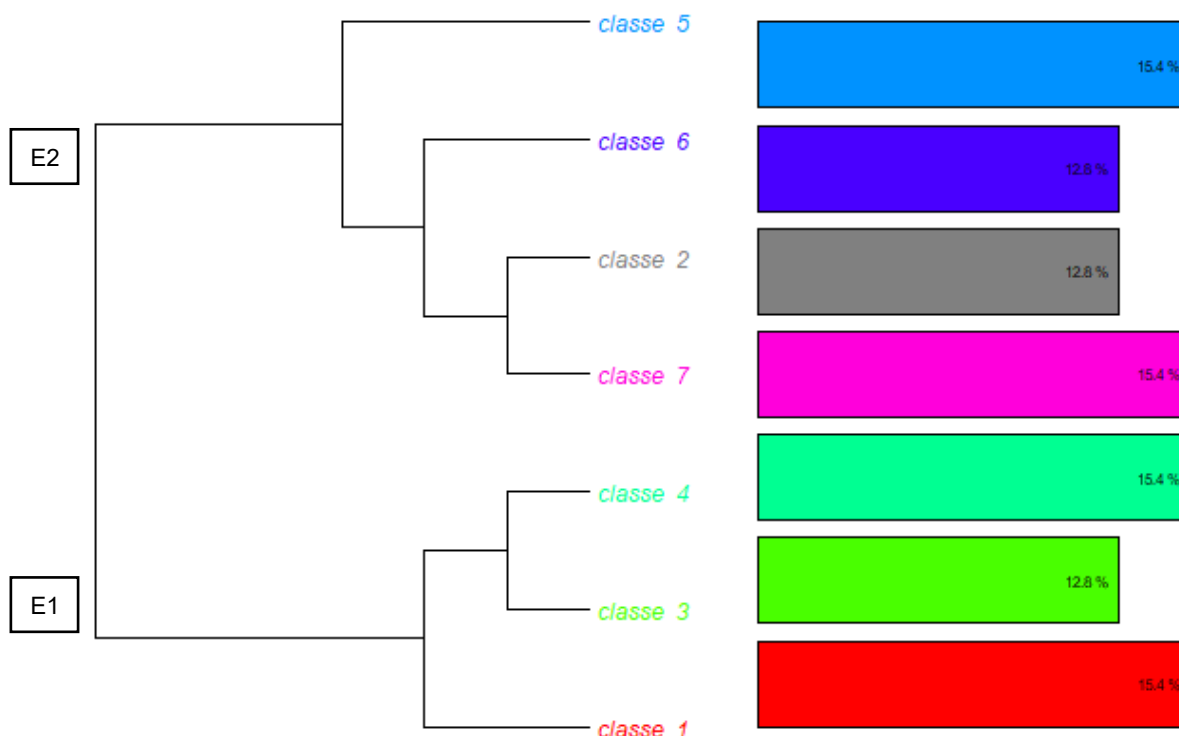
A análise do corpus textual referente às questões discursiva 2 (QD2) “Qual a sua opinião sobre a importância do Empreendedorismo dentro das universidades?” e discursiva 3 (QD3) “Na sua opinião, qual é o papel da universidade na formação de novos empreendedores?”, por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), resulta em sete classes organizadas em dois eixos, conforme apresentam as Figuras 3 e 4. O modelo obteve 84,78% de aproveitamento dos segmentos textuais, índice considerado satisfatório para esse tipo de análise.

As classes identificadas são:

- **Classe 1 – Empreendedorismo como agente de impacto e transformação:** enfatiza a capacidade do empreendedorismo de transformar ideias em ações, produzindo impacto econômico e social.
- **Classe 3 – Estímulo à inovação e criação de novos projetos:** demonstra que a universidade, por meio de incubadoras, empresas juniores, extensão e pesquisa, constitui ambiente favorável à inovação.
- **Classe 4 – Desenvolvimento de competências e geração de oportunidades:** destaca o papel da universidade na formação de competências empreendedoras e na ampliação de oportunidades profissionais.
- **Classe 5 – Formação de um profissional crítico:** aponta o empreendedorismo como meio de desenvolver pensamento crítico e preparar o estudante para desafios profissionais.
- **Classe 6 – Valorização e reconhecimento da importância do ensino de empreendedorismo:** reforça a importância de inserir a temática na formação universitária.
- **Classe 7 – Abordagem prática e dinâmica do empreendedorismo:** indica consenso sobre a relevância de atividades práticas para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras.
- **Classe 2 – Fundamentos teóricos e ensino voltado para a realidade social:** sublinha a necessidade de inserir o empreendedorismo em todos os cursos, articulando formação técnica e impacto social.

A CHD organiza essas sete classes em dois eixos ou subcorpus, permitindo observar aproximações e distanciamentos entre os agrupamentos lexicais. Essa estrutura facilita a interpretação dos elementos que caracterizam cada classe e evidencia os conjuntos que representam maior participação no corpus. A leitura do dendrograma da CHD ocorre da esquerda para a direita, acompanhando as divisões e reagrupamentos sucessivos.

Figura 3 – Classificação Hierárquica Descendente (CHD)



Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

O Eixo 1 (E1) reúne três classes:

- **Classe 1 – Empreendedorismo como agente de impacto e transformação:** 15,4% dos segmentos;
- **Classe 3 – Estímulo à inovação e criação de novos projetos:** 12,8%;
- **Classe 4 – Desenvolvimento de competências e geração de oportunidades:** 15,4%.

Essas classes apresentam uma raiz analítica comum e tendem a dialogar entre si, sobretudo por enfatizarem o papel transformador do empreendedorismo, a inovação e o desenvolvimento de competências.

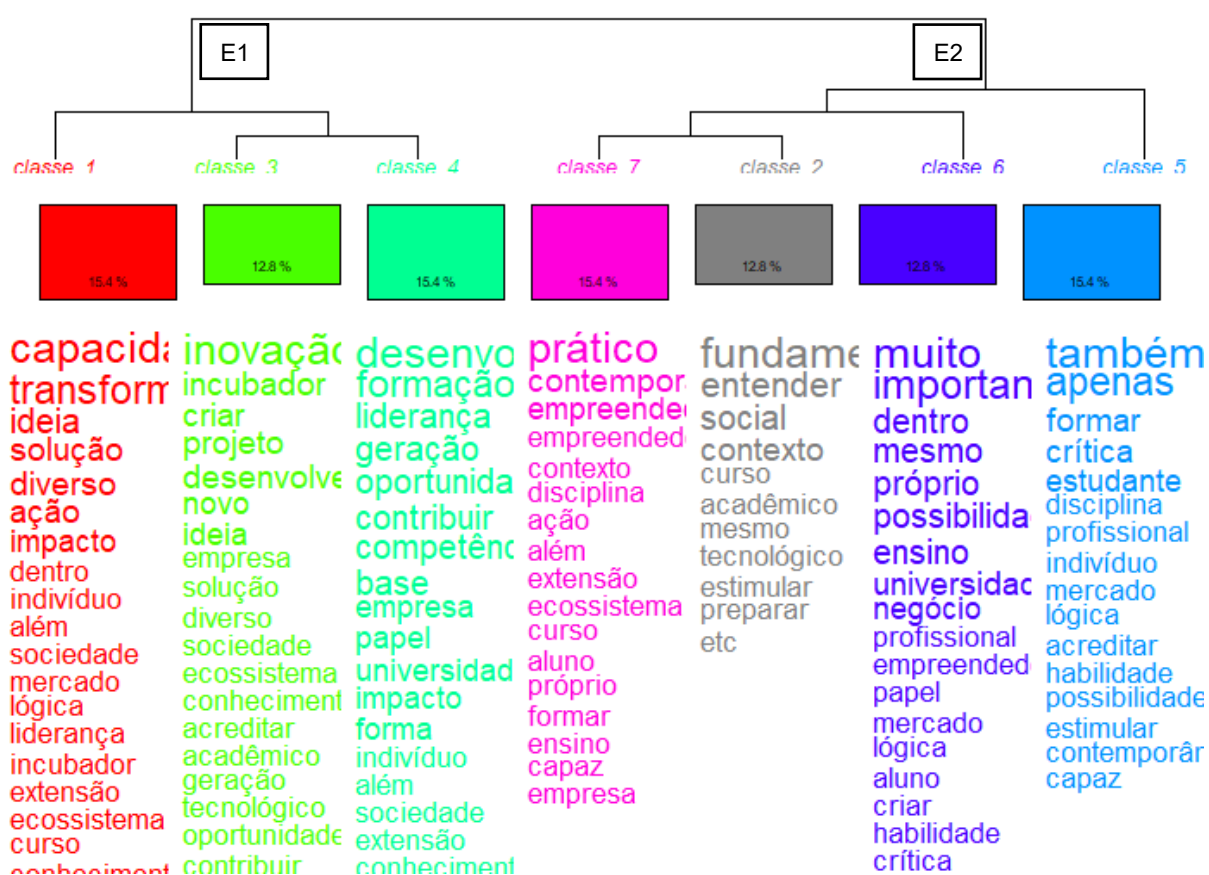
O Eixo 2 (E2) agrega quatro classes:

- **Classe 2 – Fundamentos teóricos e ensino voltado para a realidade social:** 12,8% dos segmentos;
- **Classe 7 – Abordagem prática e dinâmica do empreendedorismo:** 15,4%;
- **Classe 6 – Valorização e reconhecimento da importância do ensino de empreendedorismo:** 12,8%;
- **Classe 5 – Formação de um profissional crítico:** 15,4%.

Esse conjunto forma uma segunda raiz analítica, distinta da primeira, concentrando discussões relacionadas à formação crítica, importância institucional do ensino, fundamentos teóricos e práticas pedagógicas.

A Figura 4 apresenta o Dendrograma com os dois eixos (E1 e E2), as sete classes formadas e o vocabulário que caracteriza cada agrupamento, sendo a nomeação das classes orientada pelo conteúdo predominante dos segmentos de texto. A seguir, uma descrição das classes e suas respectivas relações com as respostas dos docentes.

Figura 4 – Dendrograma da CHD



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

A organização das classes evidencia que as percepções docentes transcendem a compreensão restrita do empreendedorismo como mera criação de empresas, aproximando-se de uma concepção ampliada, conforme discutido por Dolabela (2006) e Fillion (1999). Observa-se que os eixos identificados articulam inovação, desenvolvimento de competências e formação crítica, o que reforça a natureza multidimensional do fenômeno empreendedor. Tal resultado confirma a hipótese teórica de que o empreendedorismo, no contexto universitário, é

compreendido tanto como estratégia de desenvolvimento econômico quanto como processo formativo voltado à construção de autonomia e protagonismo.

5.3.2.2.1 Classe 1 – Empreendedorismo como agente de impacto e transformação

A Classe 1, com 15,38% de participação no corpus textual, relaciona-se ao tema “Empreendedorismo como agente de impacto e transformação”. Os elementos *capacidade*, *transformar*, *ideia* e *impacto* evidenciam a relevância do empreendedorismo no ambiente universitário. Assim, para os docentes de ambas as instituições, o empreendedorismo exerce influência positiva na formação dos estudantes, conforme ilustram os exemplos da UFOP e da UFV, respectivamente:

O Empreendedorismo é importante para a formação acadêmica nos mais diversos cursos de graduação pois reforça a capacidade da aplicação do conhecimento em ações de impacto econômico e social.

Embora eu não tenha empreendido na forma tradicional, à frente de uma empresa privada, acredito que o empreendedorismo dentro das universidades é essencial e pode se manifestar de diversas maneiras, inclusive dentro do setor público. Na universidade, o espírito empreendedor se expressa pela capacidade de transformar ideias em ações concretas, propor soluções inovadoras para desafios institucionais e conectar o conhecimento acadêmico com as demandas da sociedade. Na minha atuação em uma instituição pública, busco exercer esse perfil empreendedor ao liderar projetos, criar oportunidades de parceria com o setor produtivo e fomentar uma cultura de inovação e protagonismo entre estudantes e pesquisadores.

Dessa forma, a classe destaca como o ensino do empreendedorismo contribui para gerar impacto positivo no ambiente institucional e na formação discente.

5.3.2.2.2 Classe 3 – Estímulo à inovação e criação de novos projetos

A Classe 3, com 12,82% de participação no corpus textual, associa-se ao tema “Estímulo à inovação e criação de novos projetos”. Os elementos *inovação*, *incubadora* e *projeto* remetem ao papel da universidade na promoção de práticas que fomentam ideias inovadoras e projetos empreendedores. Os docentes reforçam essa visão, conforme demonstram as respostas da UFV e da UFOP:

A sala de aula pode não ser um ambiente ideal para o aprendizado do empreendedorismo, mas a universidade é um ambiente ideal para o ensino e aprendizado do empreendedorismo, pois o aluno pode vivenciar várias práticas do empreendedorismo na extensão, nos projetos de pesquisas, nas empresas júnior, no Centev, nas incubadoras de empresas, etc. As pesquisas por exemplo é uma fonte de geração de inovação e ideias que podem contribuir gerar novos empreendedores.

O papel da universidade na formação de novos empreendedores é oferecer uma base sólida de conhecimento técnico e científico, aliada ao desenvolvimento de competências como liderança, criatividade e gestão. Além disso, deve promover um ecossistema favorável ao empreendedorismo, com incubadoras, projetos de extensão e parcerias com o mercado, ajudando os alunos a transformar ideias inovadoras em negócios sustentáveis e de impacto social.

Assim, a classe evidencia que os ambientes externos à sala de aula são fundamentais para o ensino do empreendedorismo, especialmente por meio de projetos de extensão e incubadoras.

5.3.2.2.3 Classe 4 – Desenvolvimento de competências e geração de oportunidades

A Classe 4, com 15,38% de participação no corpus textual, relaciona-se ao tema “Desenvolvimento de competências e geração de oportunidades”. Os termos *desenvolver*, *formação* e *oportunidade* destacam o papel da universidade na formação de novos empreendedores. Os docentes afirmam:

O papel da universidade é de investir na formação dos discentes visando o crescimento de empresas de todos os tipos e mais oportunidades de trabalho. Sendo uma forma de contribuir com a sociedade.

Na formação de novos empreendedores, a universidade tem os papéis de desenvolver habilidades e ensinar ferramentas ao indivíduo empreendedor. Ao trabalhar competências e habilidades, a universidade aumenta as possibilidades para o empreendedor.

A classe reforça que a universidade promove o desenvolvimento de competências empreendedoras e contribui para a criação de novas oportunidades profissionais.

5.3.2.2.4 Classe 5 – Formação de um profissional crítico

A Classe 5, com 15,38% de participação no corpus textual, relaciona-se ao tema “Formação de um profissional crítico”. Os elementos *formar*, *crítica* e *profissional* enfatizam o papel da universidade em desenvolver pensamento crítico e preparar o estudante para desafios profissionais. Os docentes afirmam:

Introdução de nova mentalidade voltada a desenvolver novas ideias. Orientar a jornada. Desmistificar mitos do empreendedorismo/inovação. Apontar boas práticas e ferramentas. Orientação no estágio de ideação.

A universidade é um ponto de inflexão na vida das pessoas que passam por lá. É um momento ímpar de formação e ampliação das visões de mundo, de construção de características comportamentais que habilitam o indivíduo para encarar diferentes

desafios. Tanto menos se conheça sobre o mundo do empreendedorismo mesmo incentivado se está para pensar no empreendedorismo como uma opção. Logo a universidade deve ser uma ponte que leva aos estudantes o empreendedorismo como uma opção. É vendo como opção e se entendendo como profissional com competências para tal é que a universidade se torna uma potência para criar um ambiente promissor.

Dessa forma, a classe demonstra que a universidade estimula a construção de uma mentalidade empreendedora e crítica.

5.3.2.2.5 Classe 6 – Valorização e reconhecimento da importância do ensino de empreendedorismo

A Classe 6, com 12,82% de participação no corpus textual, corresponde ao tema “Valorização e o reconhecimento da importância do ensino de empreendedorismo”. Os elementos *importante, dentro e ensino* reforçam o papel da universidade na disseminação da cultura empreendedora. Os segmentos a seguir exemplificam essa percepção:

É importante para disseminação da cultura empreendedora e fortalecer as bases de desenvolvimento em jovens adultos.

A Universidade torna-se um espaço fundamental à ampliação do pensamento crítico e tecnológico de ponta, apresentando-se enquanto instituição que não apenas pode preparar novos empreendedores de um ponto de vista técnico. mas, sobretudo, de formar cidadãos eticamente responsáveis e intelectualmente capazes de compreender as práticas empreendedoras a partir de uma formação de excelência. Quanto a isso, é possível perceber que o empreendedorismo, tomado enquanto fenômeno social contemporâneo, é parte de um contexto social marcado por disputas, e precisa ser apreendido tanto em relação aos seus benefícios, quanto no que concerne às suas contradições. Fato é que a universidade não pode, de maneira alguma, deixar de se comprometer com a temática do empreendedorismo, já que a mesma ganhou, nos contextos recentes, um espaço fundamental de abertura de horizontes a inúmeros sujeitos. Seu papel, o da universidade, passa a ser, portanto, central, sobretudo para formar profissionais que não apenas conhecem o empreendedorismo, como também são capazes de reconhecer seus limites e possibilidades nos cenários contemporâneos.

A classe confirma que o empreendedorismo é reconhecido como componente essencial da formação universitária.

5.3.2.2.6 Classe 7 – Abordagem prática e dinâmica do empreendedorismo

A Classe 7, com 15,38% de participação no corpus textual, relaciona-se ao tema “Abordagem prática e dinâmica do empreendedorismo”. Os elementos *prático, empreendedor e empreendedorismo* reforçam a importância de metodologias ativas. Os docentes afirmam:

Acredito que o tema e o conteúdo são de grande relevância para despertar nos discentes o interesse pelo assunto. Os conceitos e práticas podem mudar os resultados da carreira profissional de alguém que projeta suas decisões e implementa ações orientadas pelo empreendedorismo. Estou falando de uma carreira como empresário, funcionário ou servidor público.

As disciplinas de empreendedorismo permitem que o discente entenda as dinâmicas do mundo dos negócios e o perigo que isso significa. Além disso, o ecossistema empreendedor permite que o discente e/ou professor tenha ajuda para abrir sua própria empresa.

A UFV destaca, de forma particular, que práticas empreendedoras “*podem mudar os resultados da carreira profissional*”.

5.3.2.2.7 Classe 2 – Fundamentos teóricos e ensino voltado para a realidade social

A Classe 2, com 12,82% de participação no corpus textual, trata do tema “Fundamentos teóricos e ensino voltado para a realidade social”. Os termos *fundamental*, *social* e *acadêmico* reforçam a importância da inserção do empreendedorismo em diferentes cursos. Os docentes afirmam:

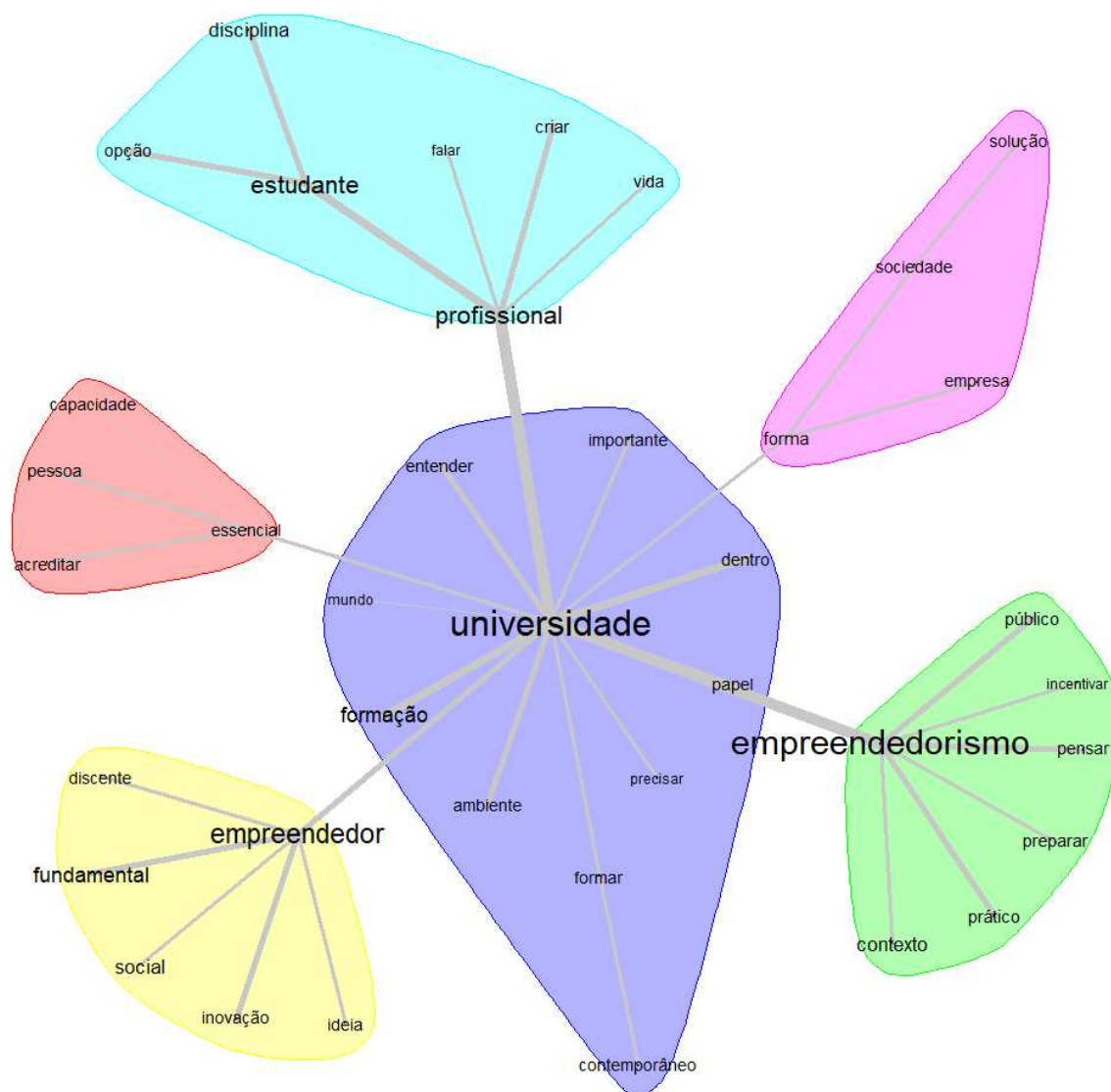
Entendo que é fundamental para todos os cursos, tanto para a vida profissional bem como a vida social. É fundamental para estimular o espírito empreendedor, a inovação, etc.

O Empreendedorismo é importante para a formação acadêmica nos mais diversos cursos de graduação pois reforça a capacidade da aplicação do conhecimento em ações de impacto econômico e social.

Assim, a classe evidencia a importância de difundir o empreendedorismo nas diversas áreas do conhecimento.

Na Figura 5, o software IRaMuTeQ apresenta a análise de similitude dos elementos da UFV, possibilitando o estudo das conexões entre as palavras em uma estrutura de rede. As linhas mais grossas representam relações de maior intensidade, enquanto as linhas mais finas indicam associações secundárias que reforçam o tema investigado – a importância do empreendedorismo. As palavras *profissional*, *universidade* e *empreendedorismo* configuram-se como elementos centrais da rede, evidenciando que o empreendedorismo e a universidade mantêm relação direta e significativa com a formação profissional. Observa-se ainda que *universidade* mantém conexão com *empreendedor*, embora por uma linha mais fina.

Figura 5 – Análise de similitude entre os elementos da UFV



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

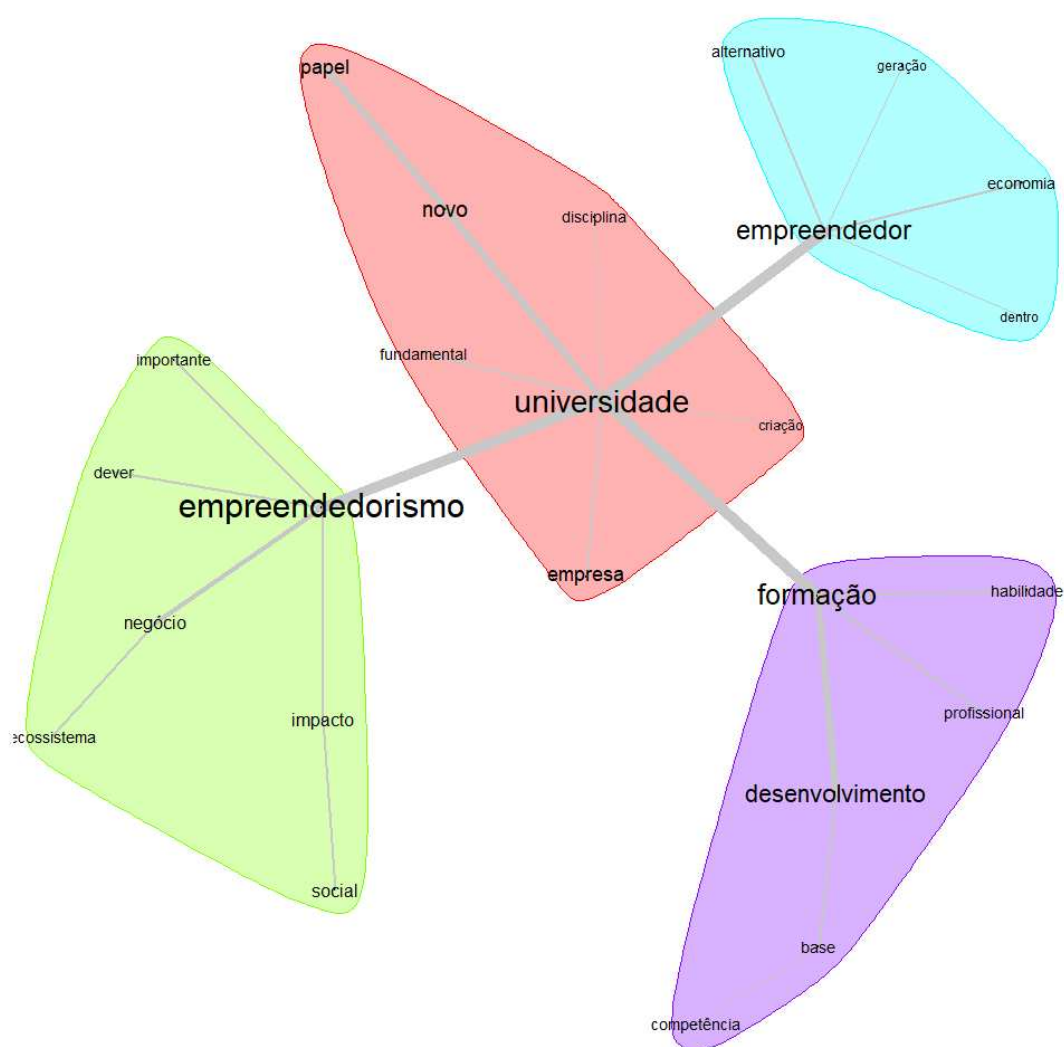
Assim, a análise de similitude revelou os termos *profissional*, *universidade* e *empreendedorismo* como eixos centrais, indicando que a prática é vista como uma opção de carreira e não apenas teórica. Dessa forma, a universidade se apresenta como espaço fundamental para formar empreendedores com ideias inovadoras, conforme ilustra o segmento a seguir:

Quando falamos dentro das universidades estamos falando do contexto formativo, da formação profissional dos estudantes. E neste contexto absolutamente necessários disciplinas como esta. A universidade precisa reconhecer que empreender é um opção de carreira para qualquer um estudante de graduação e pós, independente se seja bacharel ou licenciatura. Logo esta discussão precisaria estar a disposição dos estudantes mesmo que seja de forma optativa. Muitas universidades de ponta pelo mundo já entenderam isso e tem estimulado A universidades não podem querer

formar apenas pesquisadores ou pessoas para serem apenas bons funcionários. Além do mais incentivar empreendedorismo é potencializar um conjunto de comportamentos e habilidades que é necessários para qualquer opção que o estudante tome para sua vida profissional. Empreendedorismo não é uma disciplina que incentiva apenas criar negócio, mas mais do que isso, a desenvolver capacidade criativa, liderança, comunicação e outras questões.

A Figura 6 apresenta a análise de similitude dos elementos da UFOP. O termo central é *universidade*, conectado por linhas mais grossas às palavras *empreendedorismo*, *empreendedor* e *formação*. Isso indica que os docentes percebem uma forte vinculação entre universidade, formação e desenvolvimento de competências empreendedoras.

Figura 6 – Análise de similitude entre os elementos da UFOP



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Dessa forma, a análise de similitude sugere que o empreendedorismo na UFOP desempenha papel fundamental no desenvolvimento de competências empreendedoras,

estimulando a formação de empreendedores e negócios capazes de gerar impactos positivos na economia e na sociedade. O segmento a seguir exemplifica essa compreensão:

O ensino de empreendedorismo nas universidades é de grande importância mesmo para os alunos que não pretendem iniciar um negócio próprio. A disciplina auxilia na formação de profissionais mais proativos, inovadores e capazes de identificar oportunidades em diferentes contextos. Ao estimular a mentalidade empreendedora, a universidade contribui para o desenvolvimento de lideranças, o fortalecimento da economia e a geração de impacto social positivo.

Assim, as análises demonstram que, embora UFV e UFOP valorizem o empreendedorismo de maneiras distintas, ambas reconhecem seu papel estratégico na formação universitária, reforçando a necessidade de práticas, saberes e competências que preparem os estudantes para atuar de forma inovadora e socialmente relevante.

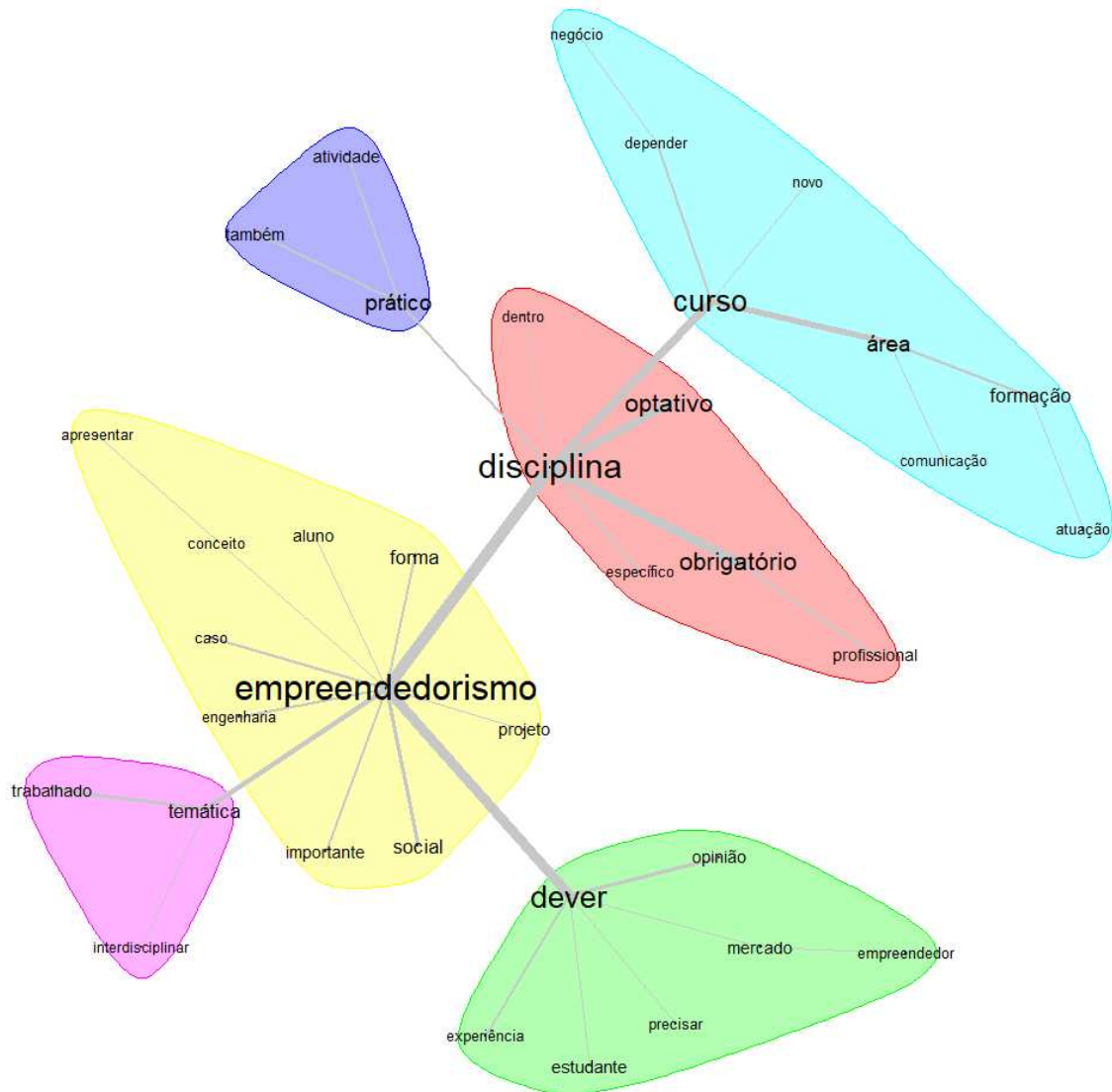
As percepções docentes evidenciam uma compreensão ampliada do empreendedorismo, associando-o não apenas à criação de negócios, mas também ao desenvolvimento de competências, à inovação e à formação crítica dos estudantes. Essa visão converge com abordagens teóricas que concebem o empreendedorismo como processo formativo e socialmente contextualizado, orientado à autonomia, à criatividade e à capacidade de ação em diferentes esferas profissionais, inclusive no setor público (Dolabela, 2006; Fillion, 2007; Carvalho; Gouvêa, 2019). Ademais, a valorização de ambientes como incubadoras, projetos de extensão e empresas juniores reforça a centralidade do ecossistema universitário no estímulo à ação empreendedora, conforme discutido por Saes e Marcovitch (2020).

5.3.2.3 Tema III – Recursos e metodologias utilizadas no ensino superior

As respostas das questões discursiva 4 (QD4) “Na sua opinião, a disciplina de empreendedorismo deve ser obrigatória, optativa ou uma atividade complementar?”, discursiva 5 (QD5) “Como deve ser trabalhada a temática Empreendedorismo dentro de uma disciplina?”, discursiva 6 (QD6) “Quais são os principais desafios que você enfrenta no ensino do empreendedorismo?” e discursiva 7 (QD7) “Existe algo mais que você gostaria de adicionar sobre a sua experiência ou sobre o ensino de empreendedorismo que não abordamos?”, foram analisadas por meio de redes de similitude e nuvens de palavras (Figuras 7, 8, 9 e 10). A análise das redes de similitude (Figura 7) revela que os docentes convergem ao afirmar que a disciplina deve estimular criatividade, protagonismo estudantil e integração entre teoria e prática. Observa-se ainda divergência nas opiniões sobre a obrigatoriedade da disciplina, ao mesmo tempo em que a rede ligada ao termo *curso* reforça a necessidade de adaptação da temática às

especificidades de cada área. A rede relacionada ao termo *dever* indica que a disciplina deve preparar o estudante tanto para o mercado quanto para a atuação empreendedora.

Figura 7 – Análise de similitude entre os elementos das IES



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

O teste de qui-quadrado (Figura 8) evidencia maior associação da UFV ao termo “prático”, indicando que essa instituição enfatiza abordagens vivenciais no ensino do empreendedorismo. Por sua vez, as nuvens de palavras das QD6 e QD7 mostram que, na UFV, os principais desafios referem-se ao engajamento discente, à compreensão da aplicabilidade prática e ao desenvolvimento de projetos reais vinculados a organizações externas. Na UFOP, os desafios concentram-se na falta de recursos institucionais, no tempo reduzido de aula e na heterogeneidade das turmas.

Obrigatória. A matriz curricular fica em consonância com o mercado altamente competitivo que privilegia profissionais dotados de características comportamentais empreendedoras. (UFV)

Ainda que entenda e goste do tema, acredito que deve ser optativa, pois nem todos possuem aptidão nessa área. (UFV)

Obrigatória, pois todos passarão por um momento de mudança na verdade da profissional e o contato com a disciplina pode auxiliar a canalizar novos caminhos e oportunidades. (UFOP)

Optativa para todos os cursos. Desta forma viabiliza espaço necessário para que o discente busque a formação em empreendedorismo, mas não o obrigue, caso este não queira. (UFOP)

A rede ligada ao termo *curso* indica que os docentes relacionam a disciplina à formação profissional e à área de atuação, como mostram os exemplos:

O estudante deve ser protagonista, ao contrário do que ocorre na quase totalidade das demais disciplinas. (UFV)

É importante adaptar o conteúdo ao perfil do curso, por exemplo, focar em inovação e gestão na Engenharia e em empreendedorismo social nas áreas de Educação e Saúde. Mais do que abrir um negócio, o objetivo é formar alunos com atitude empreendedora e capacidade de transformar a realidade. (UFOP)

O termo *dever* evidencia percepções sobre o papel da disciplina na formação empreendedora:

Utilização de práticas pedagógicas atuais (aula investida, estudos de casos etc.). Avaliação com o emprego de gestão de projetos de abertura de empresas. Participação em eventos de empreendedorismo como atividade da disciplina. Emprego de jogos nas aulas. (UFOP)

De modo coerente com as respostas anteriores, penso que o empreendedorismo deva ser trabalhado como: a) Um fenômeno social contemporâneo, parte das modificações das sociedades modernas, complexas, multiculturais e pluralistas; b) Um tipo de filosofia aplicada às realidades de cenários neoliberais, pautados pelo fomento a práticas cada vez mais individuais, competitivas, marcadas por disputas, tensões e riscos; c) Um conjunto de pressupostos que precisa ser balizado numa perspectiva crítica, ainda que impossível de não ser assumida nos recentes âmbitos do mercado de trabalho; d) Um tipo de pensamento que possui grande valor, no sentido de oferecer saídas para os sujeitos, a partir de caminhos concretos de atuação, de contribuição social e de crescimento econômico; e) Um conjunto de práticas que, muitas vezes, pode também gerar inúmeros sofrimentos psíquicos e sociais nos cenários de trabalho, sobretudo a partir da instituição de novos parâmetros de fracasso e de sucesso; f) Um tipo de horizonte que se torna central nas práticas organizacionais contemporâneas. (UFV)

De modo geral, ambas as instituições apresentam percepções semelhantes quanto à oferta obrigatória ou optativa da disciplina. Contudo, em relação à metodologia, a UFV

demonstra maior orientação para práticas vivenciais, enquanto a UFOP apresenta perfil mais equilibrado entre teoria e prática.

A Figura 8 apresenta o teste de qui-quadrado, que busca verificar a existência de associação estatisticamente significativa entre a frequência das palavras e as IES. Os resultados sugerem associação mais forte da UFV com o termo *prático*, enquanto na UFOP nenhum termo aparece destacado.

Essa análise indica que, no corpus textual, os docentes da UFV enfatizam metodologias vivenciais e práticas mais do que os docentes da UFOP. Assim, a UFV demonstra maior propensão a promover o desenvolvimento de comportamentos e habilidades empreendedoras por meio de atividades práticas, como mostram os segmentos:

De forma mais dinâmica, mão-na-massa, saindo da lógica meramente conteudista de repasse de informação, de leitura e reprodução da informação na prova. Os alunos precisa criar, intragir, construir.

Com análises de casos de sucesso e com atividades que os estudantes possam simular ações empreendedoras.

Há inúmeras estratégias. Contudo, creio que deve ser priorizado a aplicação prática.

Assim, embora ambas as IES apresentem discussões semelhantes sobre a natureza da oferta da disciplina, a UFV destaca-se pela aplicação mais prática no ensino do empreendedorismo.

A Figura 9 apresenta a nuvem de palavras referente às respostas da QD6, com a cor azul destacando termos da UFV e rosa, da UFOP.

Figura 9 – Nuvem de palavras (QD6)



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Entre as palavras mais frequentes na UFV, destacam-se *estudante*, *baixo*, *real* e *contexto*. Os docentes relatam que, apesar da estrutura, há dificuldade em engajar alunos com projetos reais e uma percepção discente limitada sobre a importância do empreendedorismo, como evidenciam os trechos:

Interesse dos estudantes é baixo.

Infelizmente a cultura empreendedora ainda é limitada na minha área de atuação, e os estudantes acham que não podem ou não conseguirão empreender.

Os principais desafios se referem ao envolvimento dos estudantes com relação ao desenvolvimento de projetos reais, pactuados com instituições externas à disciplina. Muitos deles não conseguem ter a dimensão de que um Plano de Comunicação Institucional, desenvolvido no contexto de uma disciplina para clientes reais, é instrumento que, de fato, pode trazer inúmeros impactos positivos ao cliente real que aguarda, da disciplina, uma solução específica para seus problemas de comunicação. Sendo assim, muitos estudantes, que não estão familiarizados, no geral, com um envolvimento externo, acabam não participando com seriedade, comprometimento e entrega, o que tende a prejudicar o trabalho final. Muitos deles só percebem a importância de uma atividade como esta apenas quando se formam, e acabam por vislumbrar uma realidade complexa nos contextos do mercado.

Referindo-se à UFOP, as palavras com maiores frequências são: *discente*, *recurso*, *falta* e *aula*. Isso sugere que os desafios são mais estruturais e a falta de infraestrutura para ambientes simulados e o tempo de aula insuficiente são evidenciados nos segmentos de textos a seguir, que mostram as respostas dos docentes:

Falta de recurso na universidade para desenvolver ambientes simulados.

Pouco tempo de aula.

O principal desafio é a falta de maturidade do pensamento profissional dos discentes, o que é natural durante a graduação. Este desafio requer que a disciplina converse bastante com áreas de interesse dos discentes. Considerando turmas com discentes de cursos diversos, tal contexto se torna ainda mais desafiador.

A Figura 10 apresenta a nuvem de palavras referente às respostas da QD7.

Na UFV, destacam-se *desafio* e *visão*:

Gostaria de acrescentar que a minha experiência com a disciplina não foi boa. Há um pressuposto de que o empreendedorismo é um consenso para superação dos desafios atuais de empregabilidade. Compreendo que esta visão é extremamente reducionista. Creio que, quanto mais reforçamos determinadas lógicas, mais aprofundamos os desafios atuais do planeta. Mesmo com a possibilidade de pensarmos em formas de empreendedorismo social, sustentável ou solidário, por exemplo, prefiro tratar a temática segundo outras abordagens teóricas. Compreendo que a Universidade é um espaço plural e, por isso, a importância do debate sob diferentes pontos de vista.

Figura 10 – Nuvem de palavras (QD7)



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Na UFOP, sobressaem *compreender* e *tema*:

A disciplina de Empreendedorismo também é importante no ensino médio, pois oferece aos alunos uma grande oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Quando trabalhei esse tema, percebi que ele amplia a visão de futuro, estimula a criatividade, autonomia e iniciativa, e ajuda os jovens a compreender melhor o mercado de trabalho. Além disso, muitos alunos se sentiram motivados a continuar os estudos e ingressar no ensino superior, para se preparar entender e suas potencialidades. O empreendedorismo, portanto, inspira os estudantes para os desafios da vida e da carreira.

Assim, as análises demonstram que, embora as instituições compartilhem percepções semelhantes sobre a relevância do empreendedorismo, diferenciam-se quanto às condições institucionais e às abordagens metodológicas, evidenciando que o ensino do empreendedorismo no ensino superior exige adaptação contínua às realidades pedagógicas e estruturais de cada contexto.

As evidências empíricas demonstram que os docentes reconhecem a necessidade de metodologias ativas, vivenciais e interdisciplinares no ensino do empreendedorismo, ainda que

enfrentem limitações institucionais e estruturais para sua implementação. Esse resultado corrobora a literatura que aponta a predominância histórica de abordagens teóricas e a demanda por práticas pedagógicas que promovam maior integração entre teoria e prática, como jogos empresariais, projetos reais, aprendizagem baseada em problemas e gamificação (Rocha; Freitas, 2014; Werlang; Fiates; Engel, 2017; Takemoto; Oe, 2021). Assim, os achados reforçam as lacunas identificadas na produção científica e evidenciam a relevância de avanços institucionais para a consolidação da educação empreendedora no ensino superior.

De forma geral, os resultados evidenciam que a institucionalização do empreendedorismo nas duas universidades analisadas ocorre por meio de estratégias distintas, porém convergentes quanto à sua relevância formativa. Enquanto a UFV demonstra maior orientação prática e integração com o contexto profissional, a UFOP destaca-se pela ênfase na reflexão crítica e na fundamentação teórica do fenômeno empreendedor. Essas diferenças não configuram oposição, mas distintas interpretações sobre como operacionalizar a educação empreendedora no ensino superior público. Assim, os achados empíricos corroboram a literatura que defende a necessidade de articulação equilibrada entre teoria e prática, indicando que a consolidação do empreendedorismo universitário depende tanto de bases conceituais sólidas quanto de experiências formativas aplicadas.

6 CONCLUSÃO

Conforme demonstrado, o empreendedorismo tem ganhado importância na formação de estudantes do ensino superior, com a intenção de estimular a cultura empreendedora e promover a qualificação profissional. O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a estrutura pedagógica utilizada no ensino do empreendedorismo na graduação em duas universidades públicas de Minas Gerais, a UFOP e a UFV, no período de 2015 a 2024. Buscou-se também comparar as estruturas pedagógicas adotadas e avaliar a percepção dos docentes sobre a relevância do ensino de empreendedorismo. A formulação do problema de pesquisa considerou possíveis diferenças nos métodos pedagógicos aplicados ao ensino do empreendedorismo pelas instituições pesquisadas.

Como resultado, o estudo evidenciou a importância do empreendedorismo em ambas as universidades, demonstrada pela variedade de disciplinas ofertadas, o que revela a intenção das instituições de atender às diferentes necessidades e interesses dos estudantes. No período analisado, as disciplinas criadas pela UFOP concentraram-se nos fundamentos do empreendedorismo, fornecendo uma base comum de conhecimentos, mas insuficiente como abordagem para o ensino da área, conforme apontado por Schaefer e Minello (2016) e Almeida, Cordeiro e Silva (2018). Entre as 11 disciplinas criadas, apenas três incluíam carga horária prática e nenhuma contemplava carga horária de extensão. A literatura sugere que o ensino do empreendedorismo deve ser orientado para a ação, com métodos que proporcionem experiências práticas aos estudantes (Mancebo; Silva; Mariano. 2017; Cualheta *et al.*, 2020). Na UFV, foram criadas 11 disciplinas no mesmo período, sendo oito direcionadas à aplicação do empreendedorismo em contextos específicos das áreas de conhecimento, preparando os estudantes para identificar oportunidades em suas respectivas áreas. Além disso, seis disciplinas apresentaram carga horária prática e quatro, apresentam carga horária de extensão. Assim, torna-se evidente que a UFV adotou abordagens mais alinhadas às recomendações metodológicas para o ensino do empreendedorismo, contemplando na maioria das disciplinas ofertadas a carga horária de extensão.

As análises comparativas permitiram identificar especificidades e divergências nas estruturas pedagógicas da UFV e da UFOP, oferecendo evidências que podem contribuir para o aprimoramento dos processos de ensino-aprendizagem nas IES investigadas. A experiência profissional empreendedora mencionada por alguns docentes da UFOP indica que estes professores possuem afinidade direta com a área de negócios e isso pode ser utilizado para a

incorporação de conteúdos práticos nas disciplinas atualmente ofertadas, conforme defendido por Jabes e Menegidio (2024) e Hahn *et al.* (2024).

A aplicação do questionário aos docentes das disciplinas de empreendedorismo seguiu os procedimentos éticos de pesquisa e os resultados apontaram semelhança na percepção da importância do empreendedorismo entre os professores das duas instituições, especialmente no que se refere ao desenvolvimento de competências como planejamento e autonomia. As diferenças observadas nas práticas educacionais evidenciaram que a UFOP associa o ensino do empreendedorismo à formação profissional, com foco na preparação dos estudantes para desafios da vida e da carreira. Na UFV, o empreendedorismo é abordado como opção de carreira, com ensino direcionado ao desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras mediante metodologias práticas, abordagem defendida por Arantes, Ferreira e Andrade (2018); Silva e Mariano (2018); Jabes e Menegidio (2024) e Hahn *et al.* (2024).

Entre os ganhos práticos deste estudo, destaca-se a possibilidade de auxiliar as IES no aprimoramento dos planos de ensino das disciplinas, inserindo conteúdos mais práticos, apoiados em metodologias ativas e vivenciais, que segundo a literatura, são mais eficazes e alinhados às demandas do mercado. A identificação das diferentes abordagens adotadas contribui ainda para o debate acadêmico sobre práticas mais adequadas à formação empreendedora.

Como ganho teórico, o estudo proporcionou maior compreensão sobre o ensino do empreendedorismo em universidades públicas brasileiras. A análise das ementas e das metodologias utilizadas permitiu identificar as temáticas abordadas e as perspectivas teóricas e práticas adotadas pelas IES, contribuindo para ampliar o entendimento sobre o ensino do empreendedorismo na educação pública superior.

Uma limitação da pesquisa foi a indisponibilidade dos programas analíticos ou planos de ensino das disciplinas da UFOP, o que restringiu o aprofundamento da análise e uma avaliação mais detalhada das metodologias, atividades de aprendizagem e critérios de avaliação.

Sugere-se que estudos futuros ampliem o escopo analítico, incorporando a análise dos ambientes institucionais, como ecossistemas empreendedores, visando compreender as interações institucionais que envolvem empresas, universidades e governo, na promoção da produção de conhecimento, desenvolvimento tecnológico e aplicação prática. Ademais, pesquisas que comparem o ensino do empreendedorismo em universidades públicas com instituições privadas, nacionais ou internacionais, poderão gerar novas perspectivas, identificar práticas eficazes e evidenciar desafios a serem superados.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Senado aprova inclusão de empreendedorismo e inovação no ensino básico e superior**. 30 set. 2021. Disponível em:

https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/09/30/senado-aprova-inclusao-de-empreendedorismo-e-inovacao-no-ensino-basico-e-superior?utm_medium=share-button&utm_source=whatsapp. Acesso em: 26 jun. 2023.

ALMEIDA, Lucas Rodrigo Santos de; CORDEIRO, Eugênia de Paula Benício; SILVA, Josebede Angélica Guilherme da. Proposições acerca do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior brasileiras: uma revisão bibliográfica. **Revista de Ciências da Administração**, v. 20, n. 52, p. 109-122, 2018. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2018V20n52p109>

ALMEIDA, Cacilda Maria de; LIMA, Jaqueline Cristina; BOTELHO, Lilian da Silva. A educação empreendedora como pontes para futuros. In: TEIXEIRA, Clarissa Stefani; LEBLER, Cristiane Dall’Cortivo; SOUZA, Marcio Vieira de (Orgs.). **Educação fora da caixa**: tendências internacionais e perspectivas sobre a inovação na educação. São Paulo: Blucher, 2020. p. 197-213. (Educação Fora da Caixa, 5). Disponível em: <https://via.ufsc.br/wp-content/uploads/2020/08/Educacao-Fora-da-Caixa-V5.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ALVES, Juliani Karsten. Política de Inovação nas Universidades Brasileiras: um exame de conformidade com os elementos propostos pelo MCTI/Brasil nas instituições mais inovadoras do país. **Revista Gestão & Políticas Públicas**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 81–105, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rgpp/article/view/220540>. Acesso em: 2 jan. 2026.

AMARAL, Thayza Mirela Oliveira; MENEGAZ, Jouhanna do Carmo; SILVEIRA, Stelacelly Coelho Toscano; MESCHIAL, William Campo; CUNHA, Carlos Leonardo Figueiredo; SILVA, Clarice Geórgia Monteiro Dias e Silva. Raciocínio pedagógico de professores acerca do ensino do empreendedorismo na enfermagem. **Revista Norte Mineira de Enfermagem**, v. 10, n. 1, p. 1-12, 2021. <https://doi.org/10.46551/rnm23173092202100101>

ARANTES, Rita de Cássia; FERREIRA, Ana Cristina; ANDRADE, Daniela Meirelles. Temáticas discutidas na disciplina de empreendedorismo nos cursos de administração: um panorama das instituições de ensino superior de Minas Gerais. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, v. 12, n. 3, p. 44-64, 2018. Disponível em: <https://www.cc.faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RMPE/article/view/1175>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ARBIX, Glaucio; CONSONI, Flávia. Inovar para transformar a universidade brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 77, p. 205-224, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/xHHbkP8FXCkYddcJcCDmH6N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: conceitos e definições. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2014. Disponível em: <https://sites.uel.br/aintec/wp-content/uploads/2023/02/Empreendedorismo-Conceitos-e-definicoes-1.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BENDOR, Marta Elisa Morais da Silva; LENZI, Fernando Cesar; SOUSA, Antônia Marcia Rodrigues. Comportamento e potencial empreendedor à luz da escala de Carland Entrepreneurship Index (CEI), na ótica de estudante universitários. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 3, p. 272-302, 2020. <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i3.1636>

BORGES, A. F.; LIMA, J. B.; BRITO, M. J. Fundamentos da pesquisa em empreendedorismo: aspectos conceituais, teóricos, ontológicos e epistemológicos. Encontro da ANPAD – **EnANPAD 2017**, São Paulo, 2017.

BLANK, Steve; DORF, Bob. **Startup**: manual do empreendedor. Rio de Janeiro: Atlas Books Editora, 2014. 572 p.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BÜRGER, Rafaela Escobar. **Educação para empreender: um estudo das práticas didáticas, aprendizagem e intenção empreendedoras**. 2018. 189f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/20508>. Acesso em: 8 mar. 2024.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. <https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>

CARVALHO, Ana Maria; GOUVÊA, Flávio Murilo de Oliveira. A importância do desenvolvimento/ensino do empreendedorismo no ensino superior a geração de valor/empregos. In: CONFERÊNCIA FORGES, 9, 2019, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UNB/IFB, 2019. p. 701-709. Disponível em: https://publicacoes.riqual.org/wp-content/uploads/2021/06/Forges_19_701_709.pdf. Acesso em: 9 jul. 2024.

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA – CER. **Educação empreendedora e o ensino do empreendedorismo: qual é a diferença?** 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/educacaoempreendedora>. Acesso em: 29 mar. 2024.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. Barueri: Manoele, 2012. 315 p.

COLICHI, Rosana Maria Barreto; LIMA, Silvana Andrea Molina. Empreendedorismo na enfermagem: comparação com outras profissões da saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 20, 2018. <https://doi.org/10.5216/ree.v20.49358>

COLICHI, Rosana Maria Barreto; SPIRI, Wilza Carla; JULIANI, Carmen Maria Casquel Monti; LIMA, Silvana Andrea Molina. Ensino de empreendedorismo na graduação de Enfermagem: avaliação de proposta educacional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, n. 2, e20210244, 2023. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0244pt>

COMASSETTO, Leandro Ramires. A educação empreendedora em questão: a experiência do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. **Revista Comunicação & Informação**, v. 22, p. 1-16, 2019. <https://doi.org/10.5216/ci.v22i0.53242>

CUALHETA, Luciana Padovez; ABBAD, Gardenia; FAIAD, Cristiane; BORGES JUNIOR, Cândido. Competências empreendedoras: construção de uma escala de avaliação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 2, p. 158-180, 2020. <https://doi.org/10.14211/regepe.v9i2.1621>

DIAS, D. C.; COSTA, S. T. S.; AMORIM, D. A.; SANTOS, M. G. A.; OLIVEIRA, M. A. Empreendedorismo e inovação na educação superior. **Cadernos da FUCAMP**, v. 22, n. 59, p. 1-16, 2023.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999. 280 p.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luiza**. 30. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora de Cultura, 2006. 304 p.

DOLABELA, Fernando; FILION, Louis Jacques. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n. 3, p. 134-181, 2013. <https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.137>

DORNELAS, José. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, Peter F. **Innovation and entrepreneurship**: practice and principles. New York: Harper & Row, 1985. Dutra; Peixoto, 2001.

ETZKOWITZ, H. Research groups as 'quasi-firms': the invention of the entrepreneurial university. **Research Policy**, 32(1), 109-121. 2003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048733302000094>. Acesso em: 20 dez. 2025.

ETZKOWITZ H; LEYDESDORFF L. The dynamics of innovation: from National Systems and "Mode 2" to a Triple Helix of university-industry-government relations. **Research Policy**, v. 29, n. 2, 109-123, 2000.

ETZKOWITZ, Henry; MELLO, Jose Manoel Carvalho de. The rise of a triple helix culture: innovation in Brazilian economic and social development. **International Journal of Technology Management & Sustainable Development**, v. 2, n. 3, p. 159-171, 2004. Disponível em: <https://2024.sci-hub.se/5386/a5ccddc69c9a76de6f233fa0438d464d/etzkowitz2004.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2024.

FERNANDES, Rene José Rodrigues. Breve histórico do ensino de empreendedorismo no Brasil. **Revista GV Novos Negócios**, v. 5, n. 5, p. 36-39, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rgnn/article/view/60813/59032>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FERNÁNDEZ-NOGUEIRA, Donna; ARRUTI, Arantza; MARKUERKIAGA, Leire; SÁENZ, Nerea. The entrepreneurial university: a selection of good practices. **Journal of Entrepreneurship Education**, v. 21, n. 1S, 2018. Disponível em: <https://www.abacademies.org/articles/the-entrepreneurial-university-a-selection-of-good-practices-7090.html>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FERREIRA, Flavio Mangili; PINHEIRO, Camila Roberta Muniz Serra. Plano de negócios circular: instrumento de ensino de empreendedorismo e desenvolvimento do perfil empreendedor. **Revista Gestão & Produção**, v. 25, n. 4, p. 854-865, 2018. <https://doi.org/10.1590/0104-530X2326-18>

FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.; GIMENEZ, F. A. P. Estudo comparativo das práticas didático-pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norte-americanas. **Revista de Administração Contemporânea (RAC)**, v. 10, n. 4, p. 207–225, 2006.

FIALA, Nathalia; ANDREASSI, Tales. As incubadoras como ambientes de aprendizagem do empreendedorismo. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 14, n. 4, p. 759-783, 2013. <https://doi.org/10.13058/raep.2013.v14n4.51>

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração da USP**, v. 34, n.2, abril-junho, pp. 5-28, 1999.

GARTNER, W.B. et al. Finding the entrepreneur in entrepreneurship. *Entrepreneurship theory and practice*, v. 18, n. 3, p. 5-9, 1994.

GARTNER, William B. “Who Is an Entrepreneur?” Is the Wrong Question. **American Journal Of Small Business**, [S.L.], v. 12, n. 4, p. 11-32, abr. 1988. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/104225878801200401>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/104225878801200401>. Acesso em: 02 jan. 2026.

GARTNER, W. B. “Is there an elephant in entrepreneurship? Blind assumptions in theory development. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 25, n. 4, p. 27-39, jul. 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRALIK, Elizabeth; GREATTI, Ligia; SELA, Vilma Meurer; SILVA, Juvancir da. Ensino em empreendedorismo no curso de administração em duas instituições de ensino superior públicas do estado do Paraná. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 9, n. 16, 2000. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/4595>. Acesso em: 5 set. 2024.

GUILHERMAT, Joyce Carolina Lins; ESCODRO, Pierre Barnabé; UCHÔA, Silvia Beatriz Beger; OLIVEIRA, Andreiza Marcia Maia de. O ensino da propriedade intelectual e do empreendedorismo como estímulo à inovação nos cursos de pós-graduação stricto sensu da Universidade Federal de Alagoas. **Cadernos de Prospecção**, v. 11, n. 4, p. 999-1015, 2018. <http://dx.doi.org/10.9771/cp.v11i4.27111>

HALL, Jeremy; MATOS, Stelvia; SHEEHAN, Lorn; SILVESTRE, Bruno. Entrepreneurship and innovation at the base of pyramid: a recipe for inclusive growth or social exclusion? **Journal of Management Studies**, v. 49, n. 4, p. 785-812, 2012.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2012.01044.x>

HAHN, Ivanete Schneider; MATHIAS, Thaís; ZANCANARO, Márcio. O papel das instituições de ensino superior na promoção da inovação e empreendedorismo para o desenvolvimento regional. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, v. 28, n. 00, e023027, 2024. <https://doi.org/10.22633/rpge.v28i00.19742>

HENRIQUE, Daniel Christian; CUNHA, Sieglinde Kindl da. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.
<https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000500006>

JABES, Daniela Leite; MENEGIDIO, Fabiano Bezerra. Educação Empreendedora: sequência didática para fomentar o empreendedorismo e a inovação no ensino superior. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 10, n. 33, 2447-0783, abr. 2024

JARDIM, Ana Carolina Salgado; PEREIRA, Viviane Santos. Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47, 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Brasília: SOBER, 2009. Disponível em: <https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Artigo-sobre-Pesquisa-Qualitativa.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

KRAKAUER, Patrícia Viveiros de Castro; KRAKAUER, Eric; CODA, Roberto. Ensino de empreendedorismo: discussão de espaços e proposta de ecossistema. **South American Development Society Journal**, v. 5, n. 15, p. 212-236, 2020.
<https://doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v6i16p212-236>

LAMAS, Marco. Modelo de educação em empreendedorismo no ensino superior. Porto: Centro de Estudos Interculturais (CEI) - ISCAP - Politécnico do Porto, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38395484/Modelo_de_Educacao_em_Empreendedorismo_no_Ensino_Superior. Acesso em: 4 mar. 2024.

LV, Yijun; CHEN, Yingying; SHA, Yimin; WANG, Jing; AN, Lanyijie; CHEN, Tingjun; HUANG, Xiang; HUANG, Yangjie; HUANG, Leilei. How entrepreneurship education at universities influences entrepreneurial intention: mediating effect based on entrepreneurial competence. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 655868, 2021.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.655868>

MACHADO, Ana Cláudia Azevedo; LENZI, Fernando César; MANTHEY, Nilvane Boehm. O ensino do empreendedorismo em cursos de graduação: panorama das práticas dos cursos de ciências sociais aplicadas. **Revista Alcance**, v. 24, n. 4, p. 575-590, 2017.
[https://doi.org/10.14210/alcance.v24n4\(Out/Dez\).p575-590](https://doi.org/10.14210/alcance.v24n4(Out/Dez).p575-590)

MANCEBO, Rafael Cuba; SILVA, Fabiane da Costa e; MARIANO, Sandra Regina de Holanda. Educação empreendedora como método: o caso do Minor em empreendedorismo e inovação da UFF. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017. Disponível em: <https://anegepe.org.br/wp-content/uploads/2021/09/346.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2024.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. O ensino de métodos e técnicas de pesquisa nos cursos de ciências sociais. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 21, 217-251, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revsocio/article/view/235601>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MONTEIRO MORAES, Roselaine; DE LIMA CEZÁRIO, Gustavo; JUSTIN CERVEIRA KAMPFF, Adriana. Educação Empreendedora à luz da Base Nacional Comum Curricular. **Educação**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. e45217, 2024. DOI: 10.15448/1981-2582.2024.1.45217. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/45217>. Acesso em: 18 fev. 2026.

OLIVEIRA, Luiz Guilherme de; CALDERAN, Letícia Lopes. A inovação e a interação universidade–empresa: uma revisão teórica. **RP3 – Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 72–107, 2015. DOI: 10.18829/rp3.v01.41755.

QUINTANA, Cristiane Gularte KITZMANN, Dione Iara Silveira. Formação empreendedora sustentável: estudo de caso em uma instituição de ensino superior. **Teoria e Prática em Administração**, v. 11, n. 1, p. 136-151, 2021. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2238-104X.2021v11n1.54071>

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho; FREITAS, Ana Augusta Ferreira. Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, 2014. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20141512>

RODRIGUES, H. G. et al. A influência do ecossistema empreendedor na formação da intenção empreendedora de estudantes universitários: um estudo em uma universidade pública brasileira. **REVISTA DA MICRO E PEQUENA EMPRESA (RMPE)**, Vol. 18, Nº 3, Set-Dez 2024, 135-151.

RUWER, Léia Maria Erlich; RAMOS, Heidy Rodriguez. Empreendedorismo sustentável no ensino superior: uma revisão sistemática da literatura. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO, PROJETOS, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE; CIK 12 INTERNATIONAL CONFERENCE. **Anais [...]**. Uninove, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://submissao.singep.org.br/12singep/proceedings/arquivos/104.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2026.

SAES, Alexandre Macchione; MARCOVITCH, Jacques. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, 2020. <http://dx.doi.org/10.14211/regepe.v9i1.1776>

SALUSSE, Marcus Alexandre Yshikawa; ANDREASSI, Tales. O ensino de empreendedorismo com fundamento na teoria effectuation. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, n. 3, p. 305-327, 2016. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2016150025>

SARASVATHY, Saras D. Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 2, p. 243-263, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/259121>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, 2016. <https://doi.org/10.12712/rpca.v10i3.11270>

SCHUMPETER, J. A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro, e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, jan. 2000.

SILVA, Angelica da Fontoura Garcia; LOPES, Valéria Neder. A legislação e o ensino do empreendedorismo. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 11.; SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU, 2., 2020, Online. **Anais [...]**. Londrina: Editora Científica, 2020. Disponível em: <https://eventos.pgsscogna.com.br/anais/trabalho/142>. Acesso em: 30 jun. 2024.

SILVA, Elisângela Modesto; MARIANO, Sandra Regina Holanda. Métodos de ensino de empreendedorismo em instituições de ensino superior. In: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS, 10, 2018, São Paulo. **Anais eletrônicos [...]**. Galoá, 2018. <https://proceedings.science/egepe/papers/metodos-de-ensino-de-empreendedorismo-em-instituicoes-de-ensino-superior?lang=pt-br>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SILVA, José Alan Barbosa da; SILVA, Murilo Sergio Vieira. Análise da evolução do empreendedorismo no Brasil no período de 2002 a 2016. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, v. 3, n. 2, p. 115-137, 2019. <https://doi.org/10.30781/repad.v3i2.8674>

SIMANTOB, Moysés Alberto; ANDREASSI, Tales; STAL, E. Evolução da C&T no Brasil e sua inserção no sistema nacional de inovação. In BARBIERI, José Carlos; SIMANTOB, Moyses Alberto. (Orgs.). **Organizações inovadoras sustentáveis: uma reflexão sobre o futuro das organizações**. São Paulo: Editora FGV, 2007.

SOARES, Tatiani Prestes; LUZ, Charlene Bitencourt Soster; JUNG, Hildegard Susana; FOSSATTI, Paulo. Educação empreendedora na educação básica: a perspectiva dos pais. **Revista Imagens da Educação**, v. 11, n. 4, p. 191-212, 2021. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v11i4.54471>

SOUZA, Marli Aparecida Rocha de; WALL, Marilene Loewen; THULER, Andrea Cristina de Moraes Chaves; LOWEN, Ingrid Margareth Voth; PERES, Aínda Maris. O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, e03353, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>

TAKEMOTO, Takuji; OE, Hiroko. Entrepreneurship education at universities: challenges and future perspectives on online game implementation. **Entrepreneurship Education**, v. 4, p. 19-37, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s41959-020-00043-3>. Acesso em: 3 abr. 2024.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.L.], v. 18, n. 6, p. 874-891, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac20141244>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/s8SRpzv4FFtYZWfCqLn7kyn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2025.

VIDAL, Josep Pont. Metodologia comparativa e estudo de caso. **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 308, 2013. <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v22i1.11320>

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; ROCHA, Clarissa. Práticas pedagógicas para o ensino de empreendedorismo no curso de administração de empresas no período de 2007-2013. **Boletim Técnico do Senac**, v. 41, n. 2, p. 82-111, 2015. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/70>. Acesso em: 11 ago. 2024.

VIEIRA, Saulo Fabiano Amâncio; MELATTI, Gerson Antonio; OGUIDO, Wagner Seiki; PELISSON, Cleufe; NEGREIROS, Letícia Fernandes de. Ensino de empreendedorismo em curso de administração: um levantamento da realidade brasileira. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 12, n. 2, p. 93-114, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1940/194032106006.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2024.

WEERSMA, Laodicéia Amorim; SANTOS, Vanessa Pio dos; WEERSMA, Menno Rutger; ROCHA, Estevão Lima de Carvalho. Análise da qualidade do curso e da prática do empreendedorismo na percepção dos alunos de graduação em administração. **Revista Gestão em Análise**, v. 4, n. 2, p. 136-151, 2015. <https://doi.org/10.12662/2359-618xregea.v4i2.p136-151.2015>

WERLANG, Nathalia Berger; FIATES, Gabriela Silveira; ENGEL, Rafael. Formação de competências empreendedoras no ensino superior: um estudo de caso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO (ciKi), 7, 2017, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/229>. Acesso em: 29 jan. 2024.

YASUDA, Aurora; OLIVEIRA, Diva. **Pesquisa de marketing**: guia para a prática de pesquisa de mercado. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

ZANCHET, Rui Ernesto Ribas; SILVA, Luan Carlos Silva. Educação empreendedora nos cursos de graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). **Revista de Administração, Sociedade e Inovação**, v. 7, n. 3, p. 47-68, 2021. Disponível em: https://rasi.vr.uff.br/public/site/images/PDF/478_rasi.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.